

# CACTÁRIO Guimarães Duque

ESPÉCIES  
DA COLEÇÃO  
BOTÂNICA DO INSA



Fabiane Rabelo da Costa Batista  
Erton Mendonça de Almeida  
Lânia Isis Ferreira Alves  
Pollyana Karla da Silva  
José Achilles de Lima Neves  
Juliana Gomes Freitas

**INSA**  
INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO



Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações  
Instituto Nacional do Semiárido

# CACTÁRIO Guimarães Duque

ESPÉCIES  
DA COLEÇÃO  
BOTÂNICA DO INSA

## Organizadores

Fabiane Rabelo da Costa Batista

Erton Mendonça de Almeida

Lânia Isis Ferreira Alves

Pollyana Karla da Silva

José Achilles de Lima Neves

Juliana Gomes Freitas

**Governo do Brasil**  
**Presidência da República**  
Jair Messias Bolsonaro

**Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações**  
Marcos Pontes

**Instituto Nacional do Semiárido**  
**Diretor**  
Salomão de Sousa Medeiros

**Projeto Gráfico e Capa**  
Wedsley Melo

**Mapas**  
Cícero Fidelis da Silva Neto

**Edição de imagens**  
Felipe Lavorato

**Fotos**  
Erton Mendonça, Felipe Lavorato, José Achilles Neves,  
Juliana Gomes Freitas, Leonardo P. Felix

**Organizadores**  
Fabiane Rabelo da Costa Batista  
Erton Mendonça de Almeida  
Lânia Isis Ferreira Alves  
Pollyana Karla da Silva  
José Achilles de Lima Neves  
Juliana Gomes Freitas

Cactário Guimarães Duque: Espécies da Coleção Botânica do  
INSA / organizadores, Fabiane Rabelo da Costa Batista, et al.-  
Campina Grande-PB: INSA, 2018.

227p.: Il Color; 21cm x 24 cm.

ISBN: 978-85-64265-38-7

1. Cactaceae 2. Catálogo 3. Caatinga 4. Semiárido brasileiro  
Instituto Nacional do Semiárido.

CDU: 581.92



## APRESENTAÇÃO

O Instituto Nacional do Semiárido (INSA) nasceu como produto da demanda de um povo que se acostumou a conviver com as desigualdades da sociedade, as irregularidades das chuvas e os longos períodos de estiagem que assolam a região semiárida brasileira. Como produto dessa irregularidade climática, está assentado no solo dessa região o único bioma exclusivamente brasileiro, a Caatinga. No dizer do Prof. Alberício Pereira de Andrade que atuou como diretor substituto nos primórdios do INSA, a Caatinga é um bioma com uma riqueza florística que rivaliza com a Mata Atlântica. Embora não me arrisque a entrar no mérito do ponto de vista do Dr. Alberício, tenho que reconhecer a Caatinga como um bioma rico e ainda muito pouco conhecido em termos florísticos, especialmente no que diz respeito a sua flora herbácea, um bioma “abençoado por Deus e bonito por natureza”.

Falar de Caatinga é falar em Cactaceae. Não é, de forma alguma, a família mais diversa do Semiárido brasileiro. O banco de dados da Flora do Brasil 2020 registra para o bioma Caatinga um total de 25 gêneros e 97 espécies de Cactaceae, muito menos do que os 128 gêneros e 611 espécies de leguminosas, os 93 gêneros e 342 espécies de gramíneas ou os 31 gêneros e 229 espécies de Euphorbiaceae. Contudo, são as cactáceas que mais nos chamam a atenção ao longo de uma estrada ladeada pela Caatinga, com seus candelabros vivos a se destacarem no céu azul.

Falar em Caatinga é lembrar os pioneiros que estudaram a botânica e a zoologia desse bioma. É falar em Carl Friedrich Philipp von Martius, o idealizador e primeiro coordenador da *Flora Brasiliensis*, que juntamente com o zoólogo Johann Baptist von Spix, empreenderam a memorável viagem pelo Brasil, iniciada em 1817 no Rio de Janeiro e finalizada 1820 na Amazônia, com duas passagens pelos sertões da Bahia, em 1818. É falar em George Gardner, com suas longas viagens pelo Brasil, incluindo os sertões da Bahia, Pernambuco, Ceará e Piauí (que também incluiu os estados de Minas Gerais e Goiás), entre os anos de 1836 e 1841, tendo coligido cerca de 60.000 espécimes de plantas. É falar, finalmente, em Philipp von Luetzelburg, engenheiro alemão contratado pela então IOCS (Inspetoria de Obras Contra as Secas), depois IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas) e, finalmente, DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) para estudar as plantas da Caatinga, certamente o mais “nordestino” dos botânicos estrangeiros desse período das grandes excursões botânicas. Finalmente, falar em Caatinga é falar do “Cactário Guimarães Duque” uma iniciativa pioneira do INSA na montagem da primeira coleção de plantas exclusivas da Caatinga brasileira.

A iniciativa de construção do Cactário do INSA foi do então pesquisador e eng. agrônomo Arnóbio de Mendonça B. Cavalcante, que iniciou em 2014 uma coleção formada, principalmente, por espécies ornamentais importadas e algumas espécies nativas de nossa flora. Com a saída do Dr. Arnóbio do

INSA, a também eng. agrônoma e pesquisadora do INSA, Fabiane R. C. Batista, assumiu a coleção, que passou a ter seu foco voltado para os cactos nativos, especialmente os de ocorrência no Semiárido brasileiro. Algumas excursões foram realizadas por sua equipe, resultando na ampliação da coleção, com o aporte de plantas nativas que foram coligidas, catalogadas e tombadas. Aproximadamente quatro anos após sua inauguração, o Cactário dispõe de um acervo formado por 133 espécies de cactos e outras suculentas, cerca de 800 espécimes cultivados, além de uma coleção *in vitro*, com 27 espécies distribuídas em 12 gêneros.

O livro **Cactário Guimarães Duque** é o produto escrito desses quatro anos de existência da coleção viva. Mais do que isso, é uma obra que possibilita a identificação de muitas espécies nativas das cactáceas do Semiárido brasileiro. Todas estão sumariamente descritas e ricamente ilustradas, com fotos tomadas no campo e obtidas também a partir de plantas cultivadas. O INSA está de parabéns pela formação dessa preciosa coleção de cactáceas. Estão de parabéns os autores pela iniciativa de tornar realidade o sonho de se ter a primeira coleção exclusiva do Semiárido brasileiro, que possibilitará o desenvolvimento de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento. Certamente muitos novos táxons serão descritos a partir desse material cultivado. É um privilégio termos acesso a essa coleção e a essa obra que permite a correta identificação botânica desses belos cactos que nos cercam. Estão de parabéns os antigos botânicos que lançaram as bases para o conhecimento botânico atual, que originaram a monumental *Flora Brasiliensis* de Martius, o *Travels in the Interior of Brazil* de George Gardner e os três volumes do *Estudo Botânico do Nordeste* de 1922-1923 de Luetzelburg, uma visão fotográfica do Brasil da década de 1920. A todos, aos autores de hoje e aos velhos botânicos, meu muito obrigado!

Areia, 30 de agosto de 2018.

Leonardo P. Felix

## **AGRADECIMENTOS**

Nossos sinceros agradecimentos ao Dr. Arnóbio Cavalcante, pela criação do Cactário Guimarães Duque. Aos especialistas em cactáceas, Daniela Zappi e Nigel P. Taylor, por compartilharem seus anos de experiência com os cactos, e com os quais tivemos a oportunidade de discutir a taxonomia do grupo, auxiliando na identificação das espécies. Não podemos nos esquecer de agradecer aos botânicos Marlon Machado e Leonardo P. Felix, por suas valiosas informações de campo e experiência de coleta, que possibilitaram o sucesso das expedições. A Marina Medeiros Silva, pela criação da coleção *in vitro*. Ao colaborador Daniel Bruno Pereira Araújo, que gentilmente doou material para coleção científica do INSA.

Adicionalmente, agradecemos ao apoio financeiro obtido por meio do projeto Coleções Científicas MCTI: Consolidação, expansão e integração, coordenado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e financiado pela FINEP.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2. ARROJADOA BRITTON &amp; ROSE</b> .....	22
2.1. <i>Arrojadoa bahiensis</i> (P.J.Braun & Esteves) N.P.Taylor & Eggli .....	24
2.2. <i>Arrojadoa penicillata</i> (Gürke) Britton & Rose .....	26
2.3. <i>Arrojadoa rhodantha</i> (Gürke) Britton & Rose .....	28
<b>3. BRASICEREUS BACKEB.</b> .....	30
3.1. <i>Brasilicereus phaeacanthus</i> (Gürke) Backeb. ....	32
<b>4. BRASILOPUNTIA (K.SCHUM.) A.BERGER</b> .....	34
4.1. <i>Brasiliopuntia brasiliensis</i> (Willd.) A.Berger.....	36
<b>5. CEREUS MILL.</b> .....	38
5.1. <i>Cereus albicaulis</i> (Britton & Rose) Luetzelb. ....	40
5.2. <i>Cereus fernambucensis</i> Lem. subsp. <i>fernambucensis</i> .....	42
5.3. <i>Cereus jamacaru</i> DC. subsp. <i>jamacaru</i> .....	44
<b>6. COLEOCEPHALOCEREUS BACKEB.</b> .....	46
6.1. <i>Coleocephalocereus aureus</i> F.Ritter .....	48
6.2. <i>Coleocephalocereus fluminensis</i> (Miq.) Backeb. subsp. <i>decumbens</i> (F.Ritter) N.P.Taylor & Zapi.....	50
6.3. <i>Coleocephalocereus goebelianus</i> (Vaupel) Buining .....	52
6.4. <i>Coleocephalocereus purpureus</i> (Buining & Brederoo) F.Ritter.....	54

<b>7. DISCOCACTUS PFEIFF.</b> .....	56
7.1. <i>Discocactus bahiensis</i> Britton & Rose .....	58
7.2. <i>Discocactus zehntneri</i> Britton & Rose subsp. <i>boomianus</i> (Buining & Brederoo) N.P.Taylor & Zappi .....	60
<b>8. EPIPHYLLUM HAW.</b> .....	62
8.1. <i>Epiphyllum phyllanthus</i> (L.) Haw. ....	64
<b>9. ESPOSTOOPSIS BUXB.</b> .....	66
9.1. <i>Espositoopsis dybowskii</i> (Gosselin) Buxb. ....	68
<b>10. FACHEIROA BRITTON &amp; ROSE</b> .....	70
10.1. <i>Facheiroa squamosa</i> (Gürke) P.J.Braun & Esteves .....	72
10.2. <i>Facheiroa ulei</i> (Gürke) Werderm. ....	74
<b>11. HARRISIA BRITTON</b> .....	76
11.1. <i>Harrisia adscendens</i> (Gürke) Britton & Rose .....	78
<b>12. HYLOCEREUS (A.BERGER) BRITTON &amp; ROSE</b> .....	80
12.1. <i>Hylocereus setaceus</i> (Salm-Dyck) R.Bauer .....	82
<b>13. LEOCEREUS BRITTON &amp; ROSE</b> .....	84
13.1. <i>Leocereus bahiensis</i> Britton & Rose .....	86
<b>14. LEPISMIUM PFEIFF.</b> .....	88
14.1. <i>Lepismium cruciforme</i> (Vell.) Miq. ....	90



<b>15. MELOCACTUS LINK &amp; OTTO</b> .....	92
15.1. <i>Melocactus azureus</i> Buining & Brederoo .....	94
15.2. <i>Melocactus bahiensis</i> (Britton & Rose) Luetzelb. subsp. <i>amethystinus</i> (Buining & Brederoo) N.P.Taylor.....	96
15.3. <i>Melocactus bahiensis</i> (Britton & Rose) Luetzelb. subsp. <i>bahiensis</i> .....	98
15.4. <i>Melocactus concinnus</i> Buining & Brederoo .....	100
15.5. <i>Melocactus conoideus</i> Buining & Brederoo .....	102
15.6. <i>Melocactus ernestii</i> Vaupel subsp. <i>ernestii</i> .....	104
15.7. <i>Melocactus ferreophilus</i> (Buining & Brederoo) N.P.Taylor .....	106
15.8. <i>Melocactus glaucescens</i> Buining & Brederoo .....	108
15.9. <i>Melocactus inconcinnus</i> Buining & Brederoo .....	110
15.10. <i>Melocactus lanssensianus</i> P.J.Braun .....	112
15.11. <i>Melocactus oreas</i> Miq. subsp. <i>cremnophilus</i> (Buining & Brederoo) P.J.Braun .....	114
15.12. <i>Melocactus pachyacanthus</i> Buining & Brederoo subsp. <i>pachyacanthus</i> .....	116
15.13. <i>Melocactus pachyacanthus</i> Buining & Brederoo subsp. <i>viridis</i> N.P.Taylor .....	118
15.14. <i>Melocactus paucispinus</i> Heimen & R.J.Paul .....	120
15.15. <i>Melocactus salvadorensis</i> Werderm. ....	122
15.16. <i>Melocactus violaceus</i> Pfeiff. subsp. <i>margaritaceus</i> N.P.Taylor .....	124
15.17. <i>Melocactus violaceus</i> Pfeiff. subsp. <i>violaceus</i> .....	126
15.18. <i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb. ....	128
15.19. <i>Melocactus</i> × <i>horridus</i> Werderm. ....	130

<b>16. MICRANTHOCEREUS BACKEB.</b> .....	132
16.1. <i>Micranthocereus flaviflorus</i> Buining & Brederoo .....	134
16.2. <i>Micranthocereus polyanthus</i> (Werderm.) Backeb. subsp. <i>alvinii</i> M.C.Machado & Hofacker ...	136
16.3. <i>Micranthocereus purpureus</i> (Gürke) F.Ritter .....	138
16.4. <i>Micranthocereus streckeri</i> Van Heek & Van Criel .....	140
<b>17. PERESKIA MILL.</b> .....	142
17.1. <i>Pereskia aculeata</i> Mill. ....	144
17.2. <i>Pereskia aureiflora</i> F.Ritter .....	146
17.3. <i>Pereskia bahiensis</i> Gürke .....	148
17.4. <i>Pereskia grandifolia</i> Haw. subsp. <i>grandifolia</i> .....	150
<b>18. PILOSOCEREUS BYLES &amp; G.D.ROWLEY</b> .....	152
18.1. <i>Pilosocereus aureispinus</i> (Buining & Brederoo) F.Ritter .....	154
18.2. <i>Pilosocereus azulensis</i> N.P.Taylor & Zappi .....	156
18.3. <i>Pilosocereus brasiliensis</i> (Britton & Rose) Backeb. subsp. <i>ruschianus</i> (Buining & Brederoo) Zappi .....	158
18.4. <i>Pilosocereus catingicola</i> (Gürke) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>catyngicola</i> .....	160
18.5. <i>Pilosocereus catingicola</i> (Gürke) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>salvadorensis</i> (Werderm.) Zappi ....	162
18.6. <i>Pilosocereus chrysostele</i> (Vaupel) Byles & G.D.Rowley .....	164
18.7. <i>Pilosocereus floccosus</i> Byles & G.D.Rowley subsp. <i>quadricostatus</i> (F.Ritter) Zappi .....	166
18.8. <i>Pilosocereus glaucochrous</i> (Werderm.) Byles & G.D.Rowley .....	168
18.9. <i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C.Weber) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>gounellei</i> .....	170

18.10. <i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C.Weber) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>zehntneri</i> (Britton & Rose) Zappi .....	172
18.11. <i>Pilosocereus magnificus</i> (Buining & Brederoo) F.Ritter .....	174
18.12. <i>Pilosocereus multicostatus</i> F.Ritter .....	176
18.13. <i>Pilosocereus pachycladus</i> F.Ritter subsp. <i>pachycladus</i> .....	178
18.14. <i>Pilosocereus pachycladus</i> F.Ritter subsp. <i>pernambucoensis</i> (F.Ritter) Zappi .....	180
18.15. <i>Pilosocereus pentaedrophorus</i> (Labour.) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>pentaedrophorus</i> ..	182
18.16. <i>Pilosocereus pentaedrophorus</i> (Labour.) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>robustus</i> Zappi .....	184
18.17. <i>Pilosocereus tuberculatus</i> (Werderm.) Byles & G.D.Rowley .....	186
<b>19. PSEUDOACANTHOCEREUS F.RITTER</b> .....	188
19.1. <i>Pseudoacanthocereus brasiliensis</i> (Britton & Rose) F.Ritter .....	190
<b>20. RHIPSALIS GAERTN.</b> .....	192
20.1. <i>Rhipsalis baccifera</i> (J.M.Muell.) Stearn .....	194
20.2. <i>Rhipsalis cereuscula</i> Haw. ....	196
20.3. <i>Rhipsalis crispata</i> (Haw.) Pfeiff. ....	198
20.4. <i>Rhipsalis floccosa</i> Salm-Dyck ex Pfeiff. ....	200
20.5. <i>Rhipsalis russellii</i> Britton & Rose.....	202
<b>21. STEPHANOCEREUS A.BERGER</b> .....	204
21.1. <i>Stephanocereus leucostele</i> (Gürke) A.Berger .....	206
21.2. <i>Stephanocereus luetzelburgii</i> (Vaupel) N.P.Taylor & Eggli .....	208

---

<b>22. TACINGA BRITTON &amp; ROSE</b> .....	210
22.1. <i>Tacinga braunii</i> Esteves .....	212
22.2. <i>Tacinga funalis</i> Britton & Rose .....	214
22.3. <i>Tacinga inamoena</i> (K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy .....	216
22.4. <i>Tacinga palmadora</i> (Britton & Rose) N.P.Taylor & Stuppy .....	218
22.5. <i>Tacinga subcylindrica</i> M.C.Machado & N.P.Taylor .....	220
22.6. <i>Tacinga weneri</i> (Eggl) N.P.Taylor & Stuppy .....	222
22.7. <i>Tacinga × quipa</i> (F.A.C.Weber) N.P.Taylor & Stuppy .....	224
<b>23. REFERÊNCIAS</b> .....	226

## 1. INTRODUÇÃO

Cactaceae é uma família de Angiospermas com distribuição americana, exceto por *Rhipsalis baccifera* (J.M.Muell.) Stearn que é uma espécie epifítica encontrada tanto na América quanto na África, Madagascar e Sri Lanka (Korotkova et al. 2011). Os cactos possuem três centros de diversidade e endemismo: México e Sudoeste dos Estados Unidos, região dos Andes (Bolívia e Peru) e Brasil, ocupando distintos habitats, que variam de regiões áridas até florestas úmidas, com enorme diversidade morfológica e formas de vida (Taylor & Zappi, 2004; Calvente et al., 2011).

A exclusividade dos cactos no continente americano pode ser explicada através da teoria da “deriva dos continentes”, defendida pelo geólogo A. Wegener em 1915, que considerava a Terra inicialmente constituída por um bloco maciço (Pangeia), que foi posteriormente fragmentado (ca. 300 milhões de anos), originando os atuais continentes. Desse modo, os estudos biogeográficos (Arakaki et al., 2011) estimam que as Cactaceae tiveram origem posterior à deriva continental (ca. 35 milhões de anos), após a separação do supercontinente Gondwana, formando assim a África e América do Sul, razão pela qual os cactos são encontrados nos demais continentes apenas quando introduzidos (Ostoloza, 2014).

As cactáceas são representadas por aproximadamente 1.816 espécies, distribuídas em 124 gêneros (Hunt et al., 2006). Elas têm papel relevante nos diferentes ecossistemas brasileiros, especialmente na Caatinga, destacando-se na fisionomia do Semiárido Brasileiro (SAB), sobretudo por sua adaptabilidade aos ecossistemas locais (Giulietti et al., 2006). No Brasil são reconhecidas cerca de 260 espécies, sendo que destas, 227 são nativas e grande parte ocorre nas áreas de Caatinga (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018). Com a nova delimitação do SAB realizada pela Sudene (Resolução nº 115/2017) e os diversos registros de cactáceas nos municípios da região, estima-se a ocorrência de aproximadamente 120 espécies de Cactaceae para o SAB, com destaque para os estados da Bahia e Minas Gerais.

Apesar da diversidade biológica reconhecida na família Cactaceae, alguns de seus táxons estão ameaçados de extinção devido à especificidade e fragmentação de seus habitats, coleta indiscriminada, crescimento lento, e alta mortalidade nos primeiros estágios de desenvolvimento (Martínez et al., 2010; Hughes et al., 2018). Nesse sentido, a partir da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), um dos mais importantes instrumentos internacionais relacionados ao meio ambiente, assinado por mais de 160 países e em vigor desde 1993, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) lançou o Plano de Ação Nacional para Conservação de Cactáceas (PAN Cactáceas) (Portaria nº 84/2010), com o objetivo de promover a conservação efetiva



das cactáceas e reduzir seu risco de extinção no Brasil. Diversas iniciativas visando a conservação e uso sustentável de cactos foram desenvolvidas em nível nacional.

Reconhecendo a importância desse grupo vegetal para o SAB e visando garantir ações conservacionistas, em 2014 o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação (MCTIC), deu um grande passo para fortalecer os estudos com cactáceas, inaugurando em sua sede o Cactário Guimarães Duque (Cavalcante et al., 2017). Desde então, a diversificação e ampliação da coleção tem ocorrido por meio de coletas, intercâmbios ou doações. Também em 2014, com a aprovação do projeto Coleções Científicas MCTI: consolidação, expansão e integração, também conhecido como Col-MCTI, coordenado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), financiado pela FINEP (convênio



**Visão externa do cactário**



**Visão interna**

01.14.0118.00) e no qual o INSA é o responsável pelo subprojeto Col-Cactáceas, houve um aporte de recursos para o desenvolvimento de pesquisas e manutenção do Cactário.

Em 2015 e 2016 foram realizadas coletas em diversos estados que compõem o SAB e hoje o Cactário possui em seu acervo, 133 espécies de cactos e outras suculentas (ca. de 800 espécimes), sendo, em sua maioria, táxons nativos da região, com material testemunho herborizado e depositado no Herbário Jaime Coelho de Moraes (EAN) da Universidade Federal da Paraíba. A tabela 1 resume, em números, a diversidade da coleção, em termos de gêneros, espécies, subespécies e híbridos. Além da coleção viva, o instituto mantém uma coleção *in vitro* de cactáceas, com cerca de 3.350 exemplares, representando 27 espécies, distribuídas em 12 gêneros.



**Coleção *in vitro* de cactáceas do INSA**

Tabela 1: Diversidade de Cactaceae do SAB mantida no Cactário Guimarães Duque – INSA/MCTIC.

Gêneros	Nº de espécies, subespécies e híbridos
<i>Arrojadoa</i>	03
<i>Brasilicereus</i>	01
<i>Brasilopuntia</i>	01
<i>Cereus</i>	03
<i>Coleocephalocereus</i>	04
<i>Discocactus</i>	02
<i>Epiphyllum</i>	01
<i>Espostoopsis</i>	01
<i>Facheiroa</i>	02
<i>Harrisia</i>	01
<i>Hylocereus</i>	01
<i>Leocereus</i>	01
<i>Lepismium</i>	01
<i>Melocactus</i>	19
<i>Micranthocereus</i>	04
<i>Pereskia</i>	04
<i>Pilosocereus</i>	17
<i>Pseudoacanthocereus</i>	01
<i>Rhipsalis</i>	05
<i>Stephanocereus</i>	02
<i>Tacinga</i>	07
<b>Total: 21</b>	<b>Total: 81</b>

De acordo com a Lista oficial de espécies da flora ameaçadas de extinção, divulgada pelo Ministério do Meio Ambiente (Portaria nº 443/2014), das 76 espécies de Cactaceae que apresentam algum grau de risco, 32 ocorrem na Caatinga, segundo os dados da Flora do Brasil (Zappi et al., 2018). Dessas 32 espécies, 25 estão representadas no Cactário Guimarães Duque (Tabela 2), o que destaca sua relevância em termos de conservação de espécies de cactos.

Tabela 2: Cactáceas de ocorrência no SAB mantidas no Cactário Guimarães Duque e seu status de conservação, segundo Lista oficial de espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção e a International Union for Conservation of Nature (IUCN-2018).

	Espécies/subespécies	Status de conservação	
		PO 443/2014	IUCN- 2018
1	<i>Arrojadoa bahiensis</i> (P.J.Braun & Esteves) N.P.Taylor & Eggli	EN	VU
2	<i>Arrojadoa penicillata</i> (Gürke) Britton & Rose	-	LC
3	<i>Arrojadoa rhodantha</i> (Gürke) Britton & Rose	-	LC
4	<i>Brasilicereus phaeacanthus</i> (Gürke) Backeb.	-	EN
5	<i>Brasiliopuntia brasiliensis</i> (Willd.) A.Berger	-	LC
6	<i>Cereus albicaulis</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	-	LC
7	<i>Cereus fernambucensis</i> Lem. subsp. <i>fernambucensis</i>	-	LC*
8	<i>Cereus jamacaru</i> DC. subsp. <i>jamacaru</i>	-	LC*
9	<i>Coleocephalocereus aureus</i> F.Ritter	-	LC
10	<i>Coleocephalocereus fluminensis</i> (Miq.) Backeb. subsp. <i>decumbens</i> (F.Ritter) N.P.Taylor & Zappi	-	LC*
11	<i>Coleocephalocereus goebelianus</i> (Vaupel) Buining	-	EN
12	<i>Coleocephalocereus purpureus</i> (Buining & Brederoo) F.Ritter	EN	CR
13	<i>Discocactus bahiensis</i> Britton & Rose	VU	VU
14	<i>Discocactus zehntneri</i> Britton & Rose subsp. <i>boomianus</i> (Buining & Brederoo) N.P.Taylor & Zappi	VU*	NT*
15	<i>Epiphyllum phyllanthus</i> (L.) Haw.	-	LC
16	<i>Espostopsis dybowskii</i> (Gosselin) Buxb.	EN	VU
17	<i>Facheiroa squamosa</i> (Gürke) P.J.Braun & E.Esteves	-	LC
18	<i>Facheiroa ulei</i> (Gürke) Werderm.	EN	LC
19	<i>Harrisia adscendens</i> (Gürke) Britton & Rose	-	LC
20	<i>Hylocereus setaceus</i> (Salm-Dyck) R.Bauer	-	LC
21	<i>Leocereus bahiensis</i> Britton & Rose	-	LC
22	<i>Lepismium cruciforme</i> (Vell.) Miq.	-	LC
23	<i>Melocactus azureus</i> Buining & Brederoo	EN	EN

	Espécies/subespécies	Status de conservação	
		PO 443/2014	IUCN- 2018
24	<i>Melocactus bahiensis</i> (Britton & Rose) Luetzelb. subsp. <i>amethystinus</i> (Buining & Brederoo) N.P.Taylor	-	LC*
25	<i>Melocactus bahiensis</i> (Britton & Rose) Luetzelb. subsp. <i>bahiensis</i>	-	LC*
26	<i>Melocactus concinnus</i> Buining & Brederoo	-	LC
27	<i>Melocactus conoideus</i> Buining & Brederoo	-	CR
28	<i>Melocactus ernestii</i> Vaupel subsp. <i>ernestii</i>	-	LC
29	<i>Melocactus ferreophilus</i> Buining & Brederoo	-	CR
30	<i>Melocactus glaucescens</i> Buining & Brederoo	EN	EN
31	<i>Melocactus inconcinnus</i> Buining & Brederoo	-	LC
32	<i>Melocactus lanssensianus</i> P.J.Braun	EN	EN
33	<i>Melocactus oreas</i> Miq. subsp. <i>cremnophilus</i> (Buining & Brederoo) P.J.Braun	-	LC*
34	<i>Melocactus pachyacanthus</i> Buining & Brederoo subsp. <i>pachyacanthus</i>	EN*	VU*
35	<i>Melocactus pachyacanthus</i> Buining & Brederoo subsp. <i>viridis</i> N.P.Taylor	EN*	VU*
36	<i>Melocactus paucispinus</i> Heimen & R.J.Paul	VU	LC
37	<i>Melocactus salvadorensis</i> Werderm.	-	VU
38	<i>Melocactus violaceus</i> Pfeiff. subsp. <i>margaritaceus</i> N.P.Taylor	VU*	VU*
39	<i>Melocactus violaceus</i> Pfeiff. subsp. <i>violaceus</i>	VU*	VU*
40	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	-	LC
41	<i>Melocactus</i> × <i>horridus</i> Werderm.	-	SI
42	<i>Micranthocereus flaviflorus</i> Buining & Brederoo	-	NT
43	<i>Micranthocereus polyanthus</i> (Werderm.) Backeb. subsp. <i>alvinii</i> M.C.Machado & Hofacker	EN	EN*
44	<i>Micranthocereus purpureus</i> (Gürke) F.Ritter	-	LC
45	<i>Micranthocereus streckeri</i> Van Heek & Van Criel	CR	CR
46	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	-	LC
47	<i>Pereskia aureiflora</i> F.Ritter	VU	EN



	Espécies/subespécies	Status de conservação	
		PO 443/2014	IUCN- 2018
48	<i>Pereskia bahiensis</i> Gürke	-	LC
49	<i>Pereskia grandifolia</i> Haw. subsp. <i>grandifolia</i>	-	LC*
50	<i>Pilosocereus aureispinus</i> (Buining & Brederoo) F.Ritter	-	VU
51	<i>Pilosocereus azulensis</i> N.P.Taylor & Zappi	CR	CR
52	<i>Pilosocereus brasiliensis</i> (Britton & Rose) Backeb. subsp. <i>ruschianus</i> (Buining & Brederoo) Zappi	-	LC*
53	<i>Pilosocereus catingicola</i> (Gürke) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>cattingicola</i>	-	LC*
54	<i>Pilosocereus catingicola</i> (Gürke) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>salvadorensis</i> (Werderm.) Zappi	-	LC*
55	<i>Pilosocereus chrysostele</i> (Vaupel) Byles & G.D.Rowley	-	NT
56	<i>Pilosocereus floccosus</i> Byles & G.D.Rowley subsp. <i>quadricostatus</i> (Ritter) Zappi	EN	LC*
57	<i>Pilosocereus glaucochrous</i> (Werderm.) Byles & G.D.Rowley	VU	LC
58	<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C.Weber) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>gounellei</i>	-	LC
59	<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C.Weber) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>zehntneri</i> (Britton & Rose) Zappi	-	LC*
60	<i>Pilosocereus magnificus</i> (Buining & Brederoo) F.Ritter	EN	EN
61	<i>Pilosocereus multicosatus</i> F.Ritter	EN	EN
62	<i>Pilosocereus pachycladus</i> F.Ritter subsp. <i>pachycladus</i>	-	LC*
63	<i>Pilosocereus pachycladus</i> F.Ritter subsp. <i>pernambucoensis</i> (F.Ritter) Zappi	-	LC*
64	<i>Pilosocereus pentaedrophorus</i> (Labour.) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>pentaedrophorus</i>	-	LC*
65	<i>Pilosocereus pentaedrophorus</i> (Labour.) Byles & G.D.Rowley subsp. <i>robustus</i> Zappi	-	LC*
66	<i>Pilosocereus tuberculatus</i> (Werderm.) Byles & G.D.Rowley	-	LC
67	<i>Pseudoacanthocereus brasiliensis</i> (Britton & Rose) F.Ritter	-	VU

	Espécies/subespécies	Status de conservação	
		PO 443/2014	IUCN- 2018
68	<i>Rhipsalis baccifera</i> (J.M.Muell.) Stearn	-	LC
69	<i>Rhipsalis cereuscula</i> Haw.	-	LC
70	<i>Rhipsalis crispata</i> (Haw.) Pfeiff.	-	EN
71	<i>Rhipsalis floccosa</i> Salm-Dyck ex Pfeiff.	-	LC
72	<i>Rhipsalis russellii</i> Britton & Rose	-	VU
73	<i>Stephanocereus leucostele</i> (Gürke) A.Berger	-	LC
74	<i>Stephanocereus luetzelburgii</i> (Vaupel) N.P.Taylor & Egli		LC
75	<i>Tacinga braunii</i> Esteves	VU	VU
76	<i>Tacinga funalis</i> Britton & Rose	-	LC
77	<i>Tacinga inamoena</i> (K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy	-	LC
78	<i>Tacinga palmadora</i> (Britton & Rose) N.P.Taylor & Stuppy	-	LC
79	<i>Tacinga subcylindrica</i> M.C.Machado & N.P.Taylor	-	EN
80	<i>Tacinga weneri</i> (Eggl) N.P.Taylor & Stuppy	-	LC
81	<i>Tacinga × quipa</i> (F.A.C.Weber) N.P.Taylor & Stuppy	-	SI

LC – pouco preocupante; NT – quase ameaçada; VU – vulnerável; EN - em perigo; CR - criticamente ameaçada; DD – deficiência de dados; SI – sem informações. \* apenas o status da espécie é apresentado na Lista.

O Cactário é considerado o *core* de vários projetos de pesquisa desenvolvidos pelo núcleo de Biodiversidade Vegetal do INSA e como já mencionado, a principal estratégia de conservação *ex situ* da diversidade de Cactaceae. A partir das plantas cultivadas e mantidas na coleção, estudos taxonômicos, citogenéticos, moleculares e de cultivo *in vitro* vêm sendo desenvolvidos no INSA, buscando-se solucionar alguns problemas que envolvem, desde a delimitação específica, até a identificação de híbridos naturais e descoberta de novas espécies, bem como o aprimoramento de técnicas de cultivo para determinados grupos com níveis de restrição de habitats e de germinação. A coleção botânica está organizada filogeneticamente para fins de exposição e tem se mostrado uma importante ferramenta para divulgação do conhecimento científico e popular. Visitas guiadas vêm sendo realizadas nos últimos anos, despertando a curiosidade e o interesse do público diverso, especialmente das instituições de ensino e pesquisa.



# *Arrojadoa*

*Arrojadoa rhodantha*

## 2. *Arrojadoa* Britton & Rose

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, endêmico do Brasil, compreendido em oito espécies (Taylor & Zappi, 2004). *Arrojadoa* possui porte arbustivo, subgloboso à alongado, vivendo de forma terrícola ou saxícola, com ramos cilíndricos, partindo principalmente da base caulinar. As flores saem do final do ramo, numa estrutura composta por cerdas e lãs, conhecida como cefálio, depois, um novo ramo é acrescentado em cima do cefálio. A partir da extremidade do antigo cefálio, é deixado um colar de cerdas e lãs entre os segmentos novos e velhos. Essa formação de cefálio só não é observada em uma única espécie, *A. bahiensis*. Flores vistosas, frutos lisos e coloridos (avermelhados, rosados ou vináceos) e indeiscentes, sementes pequenas e numerosas, castanho-escuras ou negras (Taylor & Zappi, 2004).

## 2.1. *Arrojadoa bahiensis* (P.J.Braun & Esteves) N.P.Taylor & Egli

Subarbusto saxícola, subgloboso a alongado, geralmente solitário, por vezes, lançando brotos na base do caule. Diferente das demais espécies do gênero essa não possui cefálio. Aréolas com tricomas esbranquiçados e espinhos amarronzados, flor rósea magenta, com ápice esbranquiçado e frutos vistosos de cor rosa.

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Registrada apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2094* – EAN.

LOCAIS DE  
OCORRÊNCIA  
DA ESPÉCIE







Indivíduo jovem, em detalhe indivíduo adulto e botão floral

## 2.2. *Arrojadoa penicillata* (Gürke) Britton & Rose

Arbusto terrícola ou saxícola, ramos eretos a semi-escandentes, cilíndricos. Cefálio com base alargada, envolvido por longas cerdas e lãs de coloração avermelhada a amarronzada, flores rosa brilhantes e frutos arredondados, esbranquiçados ou esverdeados.

**Nome vulgar:** Rabo-de-raposa.

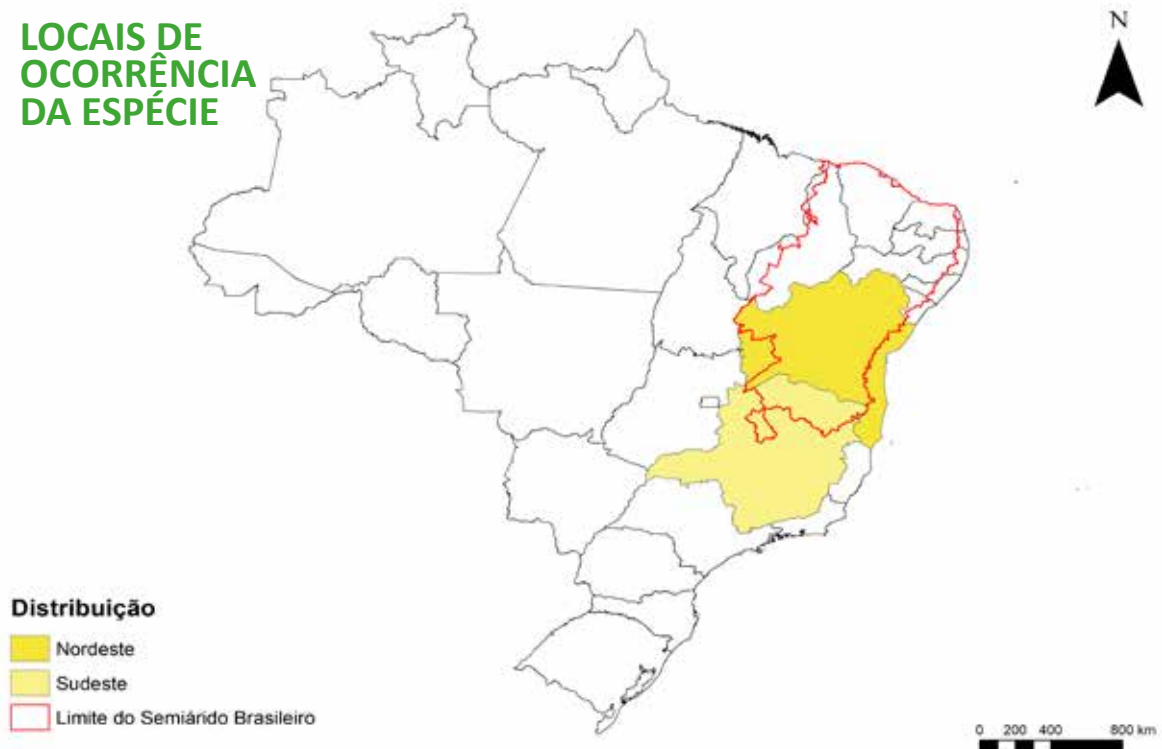
**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1759* – EAN.

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







**Indivíduo adulto, em detalhe céfalo com botão floral e flor**

### 2.3. *Arrojadoa rhodantha* (Gürke) Britton & Rose

Arbusto terrícola, ramos eretos, cefálio inicialmente terminal, envolvido por tricomas longos, amarronzados, seguidos por novos ramos vegetativos e cefálios, formando assim um aglomerado de cefálios anelados em um mesmo ramo. Flores rosa brilhantes e frutos globosos, vermelho-escuros.

**Nome vulgar:** Rabo-de-raposa ou Rabo-de-onça.

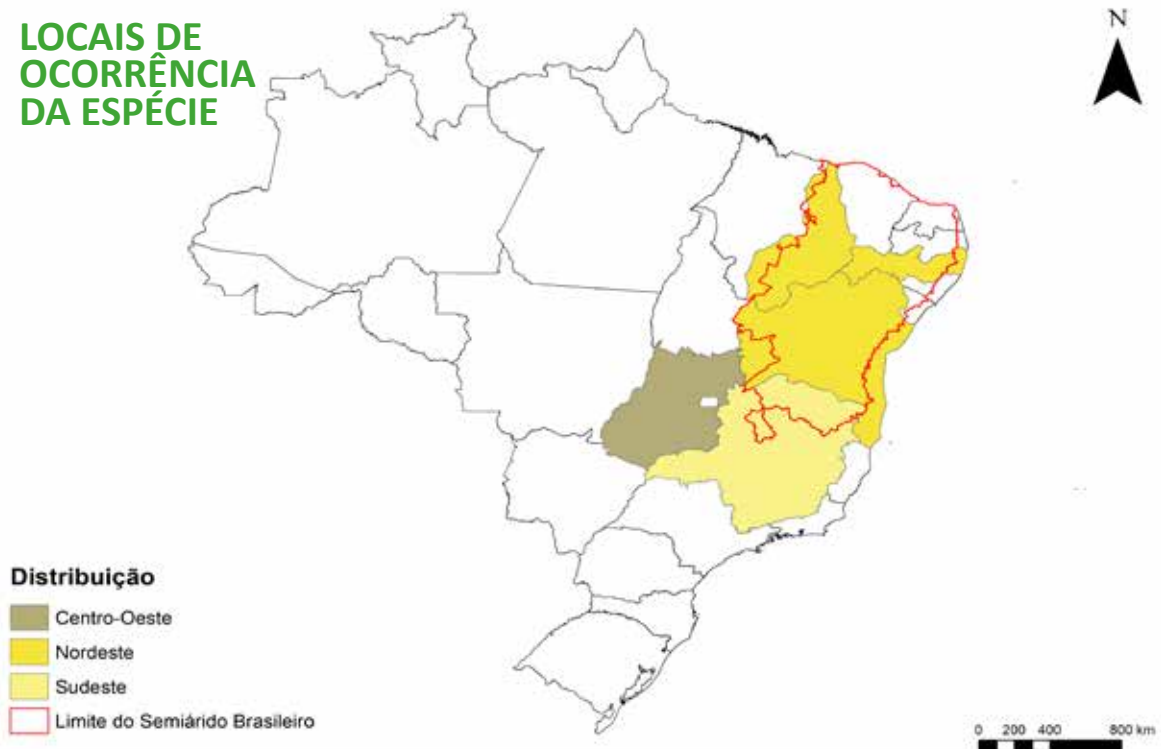
**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco e Piauí (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1734* – EAN.

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE

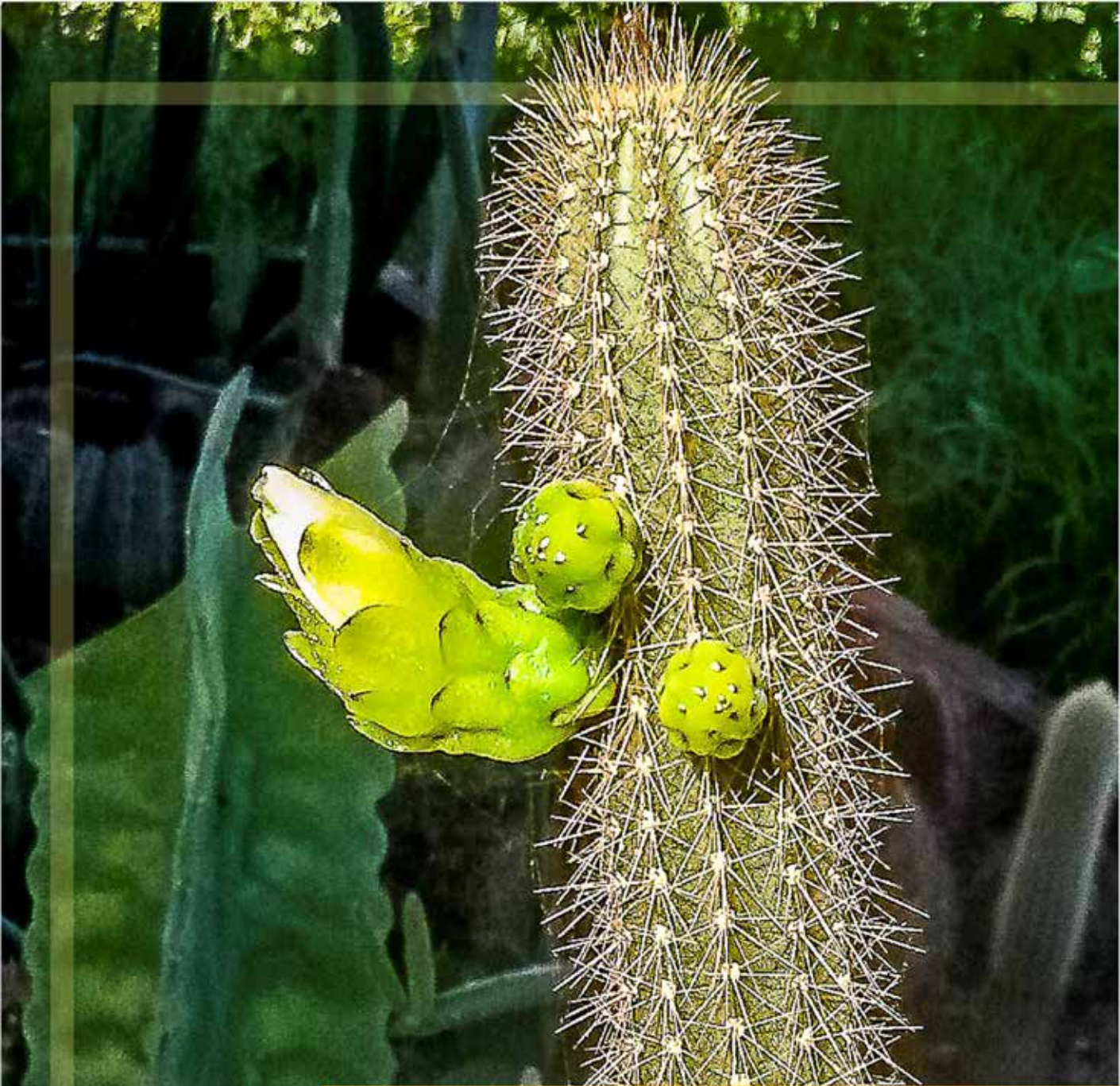






Indivíduo adulto, em detalhe cefálio e botão floral





## *Brasilicereus*

*Brasilicereus phaeacanthus*

### 3. *Brasilicereus* Backeb.

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, endêmico do Leste do Brasil, com apenas duas espécies (*B. markgrafii* e *B. phaeacanthus*) que ocorrem em Minas Gerais e Bahia. São plantas de porte arbustivo, terrícolas ou saxícolas, ramos cilíndricos, eretos a escandentes, pouco ramificadas, aréolas às vezes cobertas por lã, flores noturnas com perianto de cor verde externamente e branco nas peças internas, frutos verdes ou roxos, ovóides, indeiscentes, com sementes negras brilhantes. Os frutos de *B. phaeacanthus* são muito procurados por papagaios e outras aves na Bahia (Taylor & Zappi, 2004).

As espécies desse gênero, às vezes, são erroneamente incluídas em *Cereus*, embora existam diferenças morfológicas que separem ambos, como as flores escamosas e mais curtas, estames inseridos em duas séries e frutos com restos florais persistentes, não enegrecidos em *Brasilicereus* (Hunt et al., 2006).



### 3.1. *Brasilicereus phaeacanthus* (Gürke) Backeb.

Arbusto terrícola ou saxícola, com ramos eretos a semi-decumbentes, partindo principalmente da base, aréolas com espinhos amarelados, flores com peças do perianto verde-claro e ápice arroxeadado externamente e branco internamente.

**Nome vulgar:** Rabo-de-raposa.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

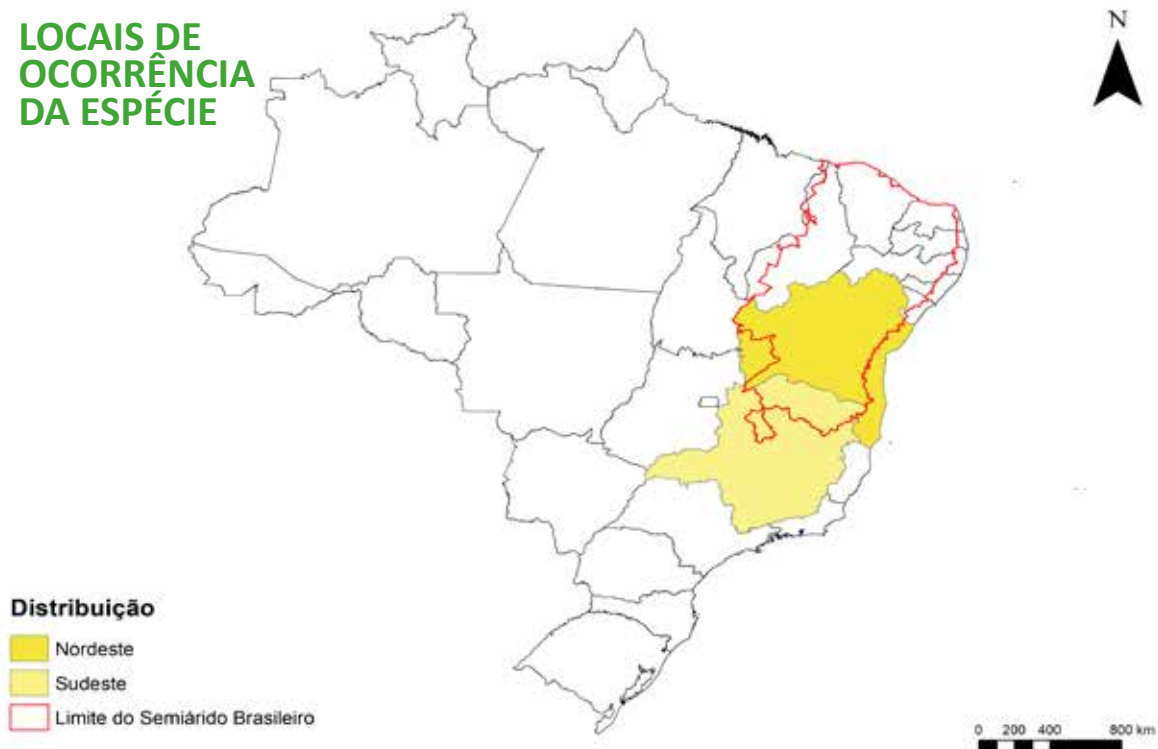
**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1973* – EAN.

32

LOCAIS DE  
OCORRÊNCIA  
DA ESPÉCIE





**Ramo de um indivíduo adulto, em detalhe ramo com botões florais**





***Brasiliopuntia***

*Brasiliopuntia brasiliensis*

## 4. *Brasiliopuntia* (K.Schum.) A.Berger

Gênero monotípico (*Brasiliopuntia brasiliensis* (Willd.) A.Berger), pertencente à subfamília Opuntioideae. Distribue-se geograficamente em grande parte da América do Sul, especialmente na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Peru. São plantas de hábito arbóreo ou menos frequentemente arbustivo, com caule ereto, fuste cilíndrico, contendo periderme e aréolas com muitos espinhos pungentes, ramos laterais comprimidos e pêndulos, possuindo aréolas com poucos gloquídeos, poucos espinhos e muitos tricomas alvos. É considerada um dos maiores cactos, podendo atingir até 20 metros de altura e 35 cm de diâmetro no fuste (Anderson, 2001; Taylor & Zappi, 2004).

É bastante apreciada no Brasil e outros países da América como planta ornamental, devido ao seu aspecto “estranho” da ramificação, disposição dos espinhos, bem como pelas flores amarelas que contrastam com a coloração verde vibrante dos cladódios. Além disso, os frutos vermelhos ou amarelados ajudam a compor sua exuberância, sendo também considerada uma planta alimentícia não convencional (PANC) em várias regiões.

#### 4.1. *Brasiliopuntia brasiliensis* (Willd.) A.Berger

Árvore, terrícola ou saxícola, possuindo caule ereto com ramos adultos cilíndricos, ramos jovens com cladódios coplanados e pêndulos, contendo folhas efêmeras e diminutas, ovais ou alongadas. Flores amarelas, solitárias ou agregadas, geralmente surgem do ápice ou da margem dos cladódios. Frutos espinescentes geralmente solitários ou formando agregados, globosos a alongado-piriformes com polpa fibrosa de cor branca ou esverdeada.

**Nome vulgar:** Urumbeba, Cumbeba, Palmatória-grande, Cacto-pé-de-mamão ou Espantalho -do-diabo.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

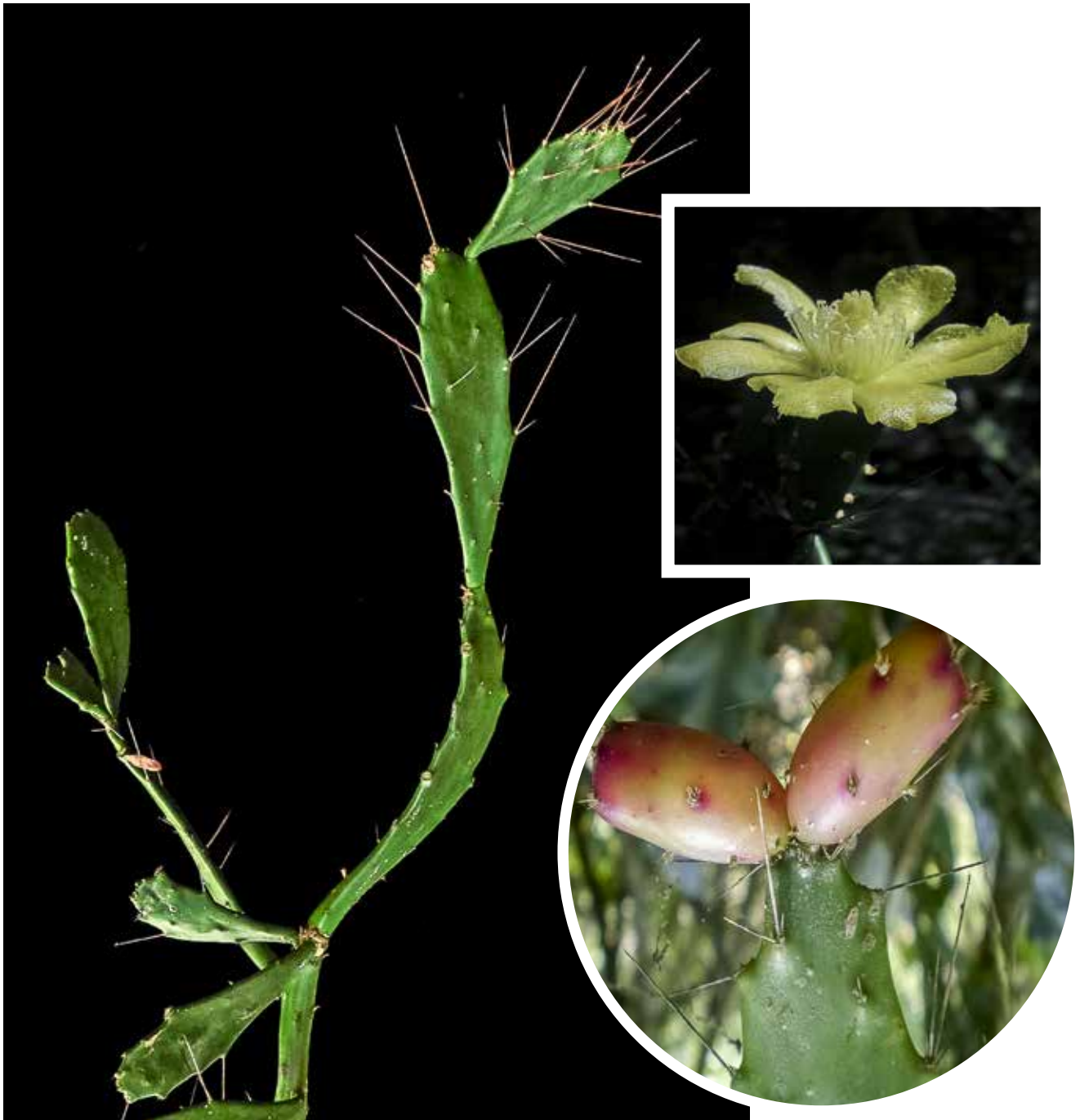
**Origem:** Nativa (Não endêmica).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1584* – EAN.

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Ramo de indivíduo jovem, em detalhe flor e frutos





**Cereus**

*Cereus jamacaru*



## 5. *Cereus* Mill.

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, com ampla distribuição, ocorrendo desde o México até a Argentina, sendo o Brasil o centro de diversidade para o grupo. Compreende 34 espécies, das quais 18 são nativas do Brasil, destas, oito são endêmicas. As espécies podem ser arbustivas e rasteiras a arbóreas de grande porte, terrestres ou saxícolas, com ramificações acima da base, ramos cilíndricos, de 3 a muitas costelas, grandes aréolas e espinhos fortes, de tamanhos variados. Flores grandes e perfumadas, com antese noturna, brancas, com tubos florais suaves ou com escamas lisas. Frutos ovóides, deiscentes por fendas longitudinais, polpa branca, sementes pequenas e negras (Taylor & Zappi, 2004).

*Cereus* é o nome mais comum na nomenclatura das cactáceas colunares. *Cereus jamacaru*, “mandacaru”, é o representante mais difundido e culturalmente importante no Nordeste brasileiro.

## 5.1. *Cereus albicaulis* (Britton & Rose) Luetzelb.

Subarbusto escandente de solos arenosos, raízes tuberosas, ramos verde-acinzentados, geralmente triangulares-agudos, com córtex amarelo, flores brancas com antese noturna, frutos com polpa branca.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

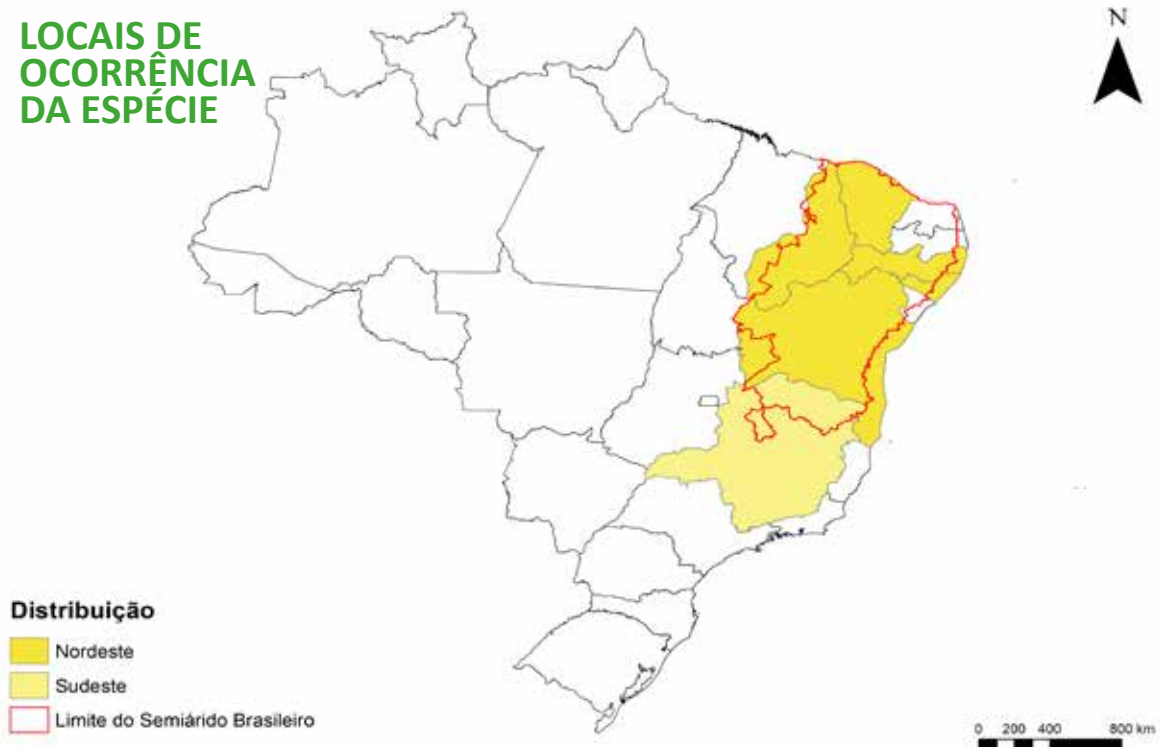
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB)

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco e Piauí (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1774* – EAN.

40

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Indivíduo adulto, em detalhe ramo destacando as aréolas

## 5.2. *Cereus fernambucensis* Lem. subsp. *fernambucensis*

Subarbusto terrícola de baixo crescimento, cespitoso, ereto ou decumbente, ocasionalmente prostrado em solos arenosos, atingindo até 2,5 m de comprimento, ramos com coloração verde pálida a azul-esverdeada, mas não fortemente glauco, flores brancas e frutos vermelho-rosados.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB)

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M. Almeida1615* – EAN.

42

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







Indivíduos adultos, em detalhe, flor e ramo com botões florais

### 5.3. *Cereus jamacaru* DC. subsp. *jamacaru*

Árvore terrícola ou saxícola, ereta, atingindo até 18m de altura, aréolas densas com espinhos de tamanhos variados, flores brancas com antese noturna e frutos oblongos quando maduros, avermelhados. No ápice da maturação, abrem-se, expondo sua polpa branca e sementes negras.

**Nome vulgar:** Mandacaru, Cardeiro ou Jamacaru.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1927* – EAN.

LOCAIS DE  
OCORRÊNCIA  
DA ESPÉCIE







**Indivíduo adulto, em detalhe ramos com frutos**





## ***Coleocephalocereus***

*Coleocephalocereus aureus*



## 6. *Coleocephalocereus* Backeb.

Gênero endêmico do Brasil, pertencente à subfamília Cactoideae, compreende nove espécies. São plantas saxícolas colunares de pequeno porte, com tronco apresentando várias costelas rasas, por vezes tuberculadas, mais frequentemente eretas. A característica compartilhada pelo gênero é a presença de cefálio lateral, do qual despontam pequenas flores tubulares, brancas, verdes ou vermelhas. Os frutos são pequenos, arredondados e avermelhados (Hunt et al., 2006; Taylor & Zappi, 2004).

Apesar do aspecto ornamental das espécies, não é comum o cultivo dessas plantas para este fim. Por serem plantas endêmicas e geralmente restritas, muitas encontram-se em risco de extinguir-se no seu habitat natural.

## 6.1. *Coleocephalocereus aureus* F. Ritter

Subarbusto saxícola, solitário ou cespitoso, ovóides ou cilíndricos, espinhos dourados (por isso o epíteto), cefálio ocupando cerca da metade da largura do caule, composto por tricomas esbranquiçados, flores verde-amareladas e frutos vermelhos ou rosados.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

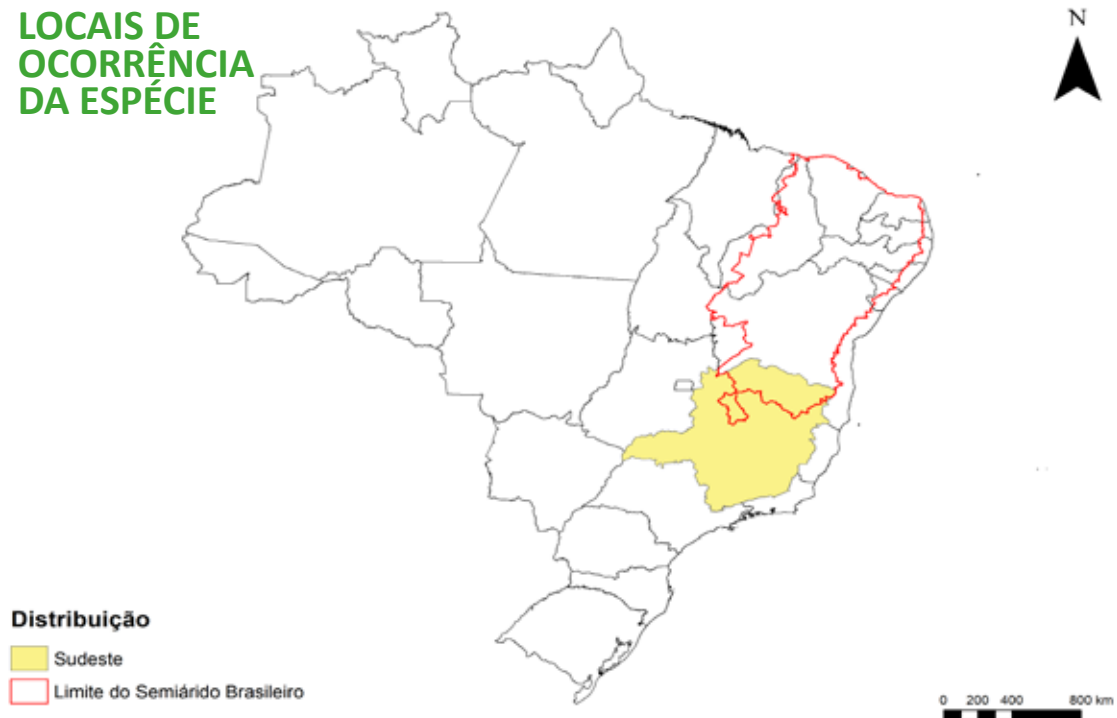
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas em Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1970 – EAN.*

48

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Indivíduos adultos e jovens, em detalhe cefálio com flor e fruto



**6.2. *Coleocephalocereus fluminensis* (Miq.) Backeb. subsp. *decumbens* (F. Ritter) N.P.Taylor & Zappi**

Subarbusto, saxícola, ramos com base decumbente, espinhos marrom-escuros, cefálio ocupando cerca da metade da largura do caule, composto por espinhos sedosos de coloração amarronzada, segmentos externos do perianto castanho-esverdeados, rosa-arroxeados ou amarelados e segmentos internos brancos, frutos vermelhos.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

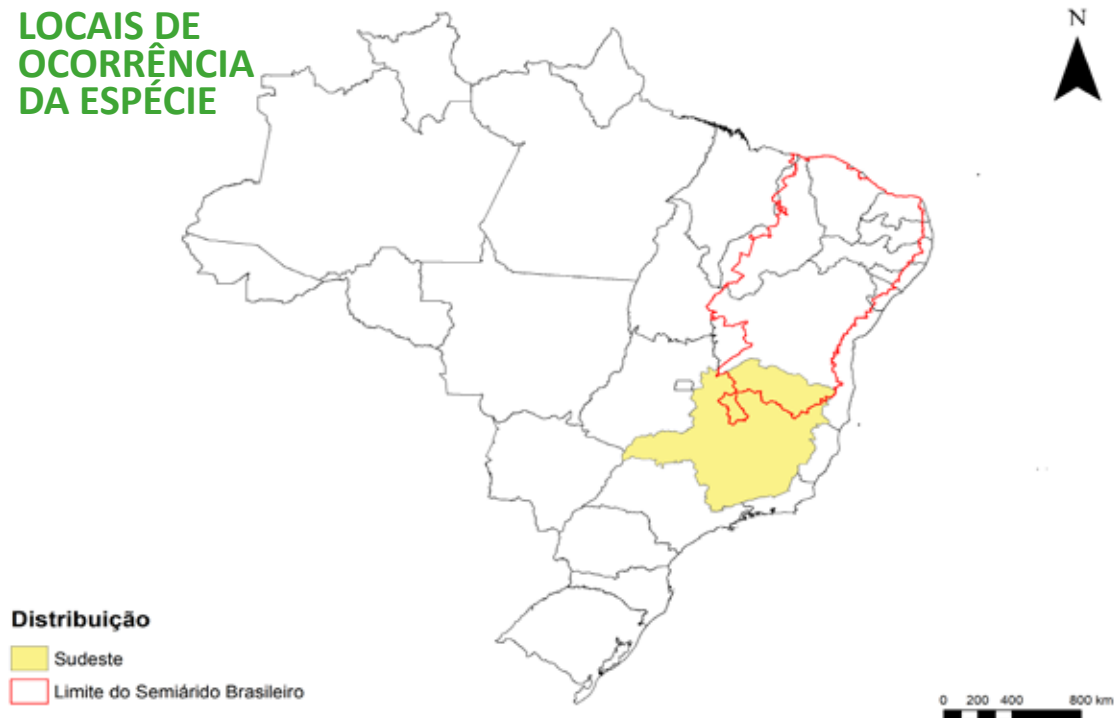
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas em Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2025 – EAN.*

50

**LOCAIS DE  
OCORRÊNCIA  
DA ESPÉCIE**





Indivíduos adultos e jovens, em detalhe ramos e cefálio com botão floral

### 6.3. *Coleocephalocereus goebelianus* (Vaupel) Buining

Árvore saxícola, geralmente solitária, ereta, com até 6,5m de altura, cefálio ocupando cerca da metade da largura do caule, composto por espinhos sedosos de coloração escura, entrelaçados com tricomas esbranquiçados. Flores com segmentos externos vermelho-amarronzados ou esverdeados e segmentos internos brancos, frutos avermelhados no ápice e esbranquiçados na base.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Ocorre na Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2177* – EAN.

52

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







Indivíduo adulto, em detalhe cefálio lateral e aréolas



#### 6.4. *Coleocephalocereus purpureus* (Buining & Brederoo) F.Ritter

Subarbusto saxícola, solitário ou cespitoso, ovóide ou cilíndrico, espinhos comumente avermelhados, cefálio ocupando cerca da metade da largura do caule, composto por tricomas esbranquiçados, flores magenta e frutos vermelhos.

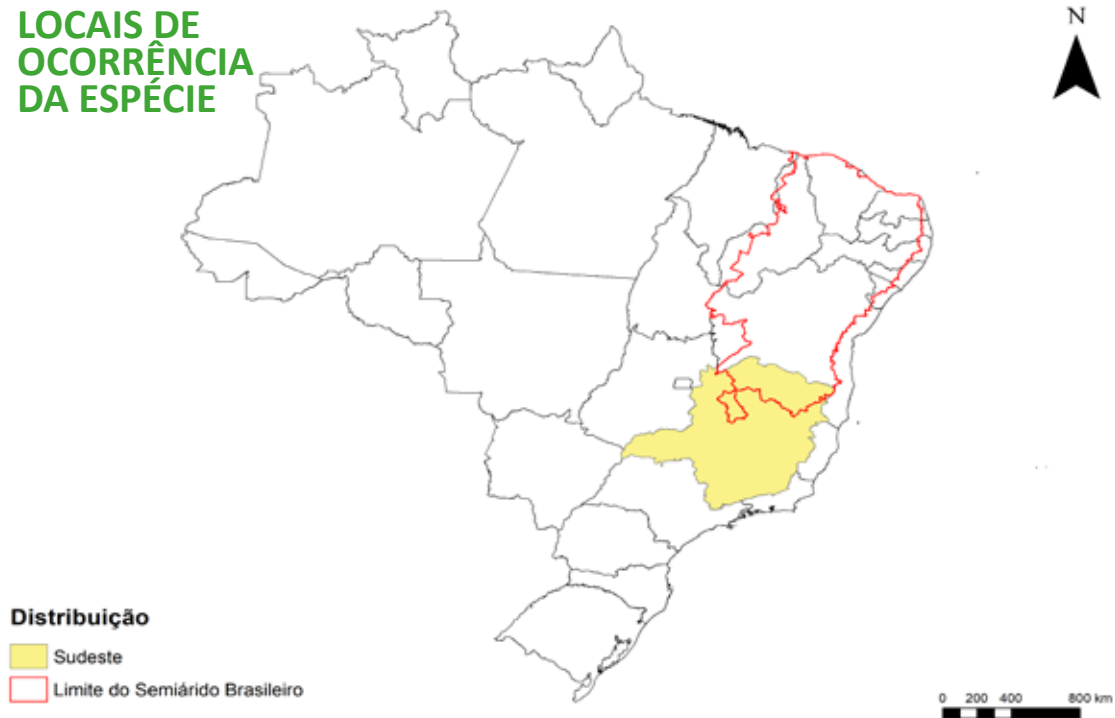
**Status de conservação:** Considerada criticamente ameaçada (CR) de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2013* – EAN.

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Indivíduos adultos e jovens, em detalhe cefálio com flor e fruto





## ***Discocactus***

*Discocactus zehntneri* subsp. *boomianus*

## 7. *Discocactus* Pfeiff.

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, apresenta ampla distribuição devido à ocorrência de *D. heptacanthus* do nordeste do Paraguai e leste da Bolívia, passando pelo Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. As demais espécies ocorrem no leste do Brasil, sendo registradas 11, das quais nove são endêmicas (Zappi et al., 2018).

São representados por plantas subarborescentes, saxícolas ou terrícolas, em forma de discos globosos e achatados, com tamanho relativamente compacto, flores vistosas, solitárias, esbranquiçadas e de antese noturna (Taylor & Zappi, 2004). O gênero *Discocactus* é altamente valorizado do ponto de vista ornamental pela exuberância e odor de suas flores.



## 7.1. *Discocactus bahiensis* Britton & Rose

Subarbusto discóide, solitário a densamente cespitoso, espinhos acinzentados ou amarelo-esverdeados, flores róseo-amarronzadas nos segmentos externos do perianto e internamente brancas, frutos vermelhos ou branco-esverdeados.

**Nome vulgar:** Roseta-do-diabo, Coroa-de-frade ou Cabeça-de-frade.

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia, Ceará, Pernambuco e Piauí (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1825* – EAN.

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Indivíduos adultos e jovens, em detalhe flor e aréolas

## 7.2. *Discocactus zehntneri* Pfeiff. subsp. *boomianus* (Buining & Brederoo) N.P.Taylor & Zappi

Subarbusto discóide terrícola ou saxícola, solitário a densamente cespitoso, espinhos brancos, flores amarelas ou esbranquiçadas, frutos vermelhos ou brancos.

**Nome vulgar:** Roseta-do-diabo, Coroa-de-frade ou Cabeça-de-frade.

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1817* – EAN.

60

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







Indivíduos adultos e jovens em habitat natural, em detalhe a flor





## ***Epiphyllum***

*Epiphyllum phyllanthus*

## 8. *Epiphyllum* Haw.

O gênero pertence à subfamília Cactoideae, com ampla distribuição desde a América do Norte e México até o Brasil. Compreende cerca de 19 espécies, das quais, uma é nativa do Brasil (*E. phyllanthus*), e outras são cultivadas (ex.: *E. oxypetalum*) (Zappi et al., 2018). São plantas epifíticas, ou hemiepifíticas com ramos aplanados e margens crenadas, serrilhadas, pinadas ou lobadas entre as aréolas, flores noturnas e fortemente perfumadas, que abrem à tarde e fecham na manhã seguinte. Tubo do perianto glabro ou raramente com espinhos ou cerdas (Taylor & Zappi, 2004). Os frutos são ovóides ou oblongos, muitas vezes um pouco sulcados, de cor amarelo-pálida, branca ou rosa-pink, o que os torna atrativos para consumo humano.



### 8.1. *Epiphyllum phyllanthus* (L.) Haw.

Subarbusto epífito, ocasionalmente saxícola, com base lenhosa, ramos pêndulos, arroxeados com hastes planas, aladas, às vezes trianguladas na base, aréolas com flores brancas nas axilas, frutos vistosos, rosados com polpa adocicada de cor branca e sementes negras.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Não endêmica).

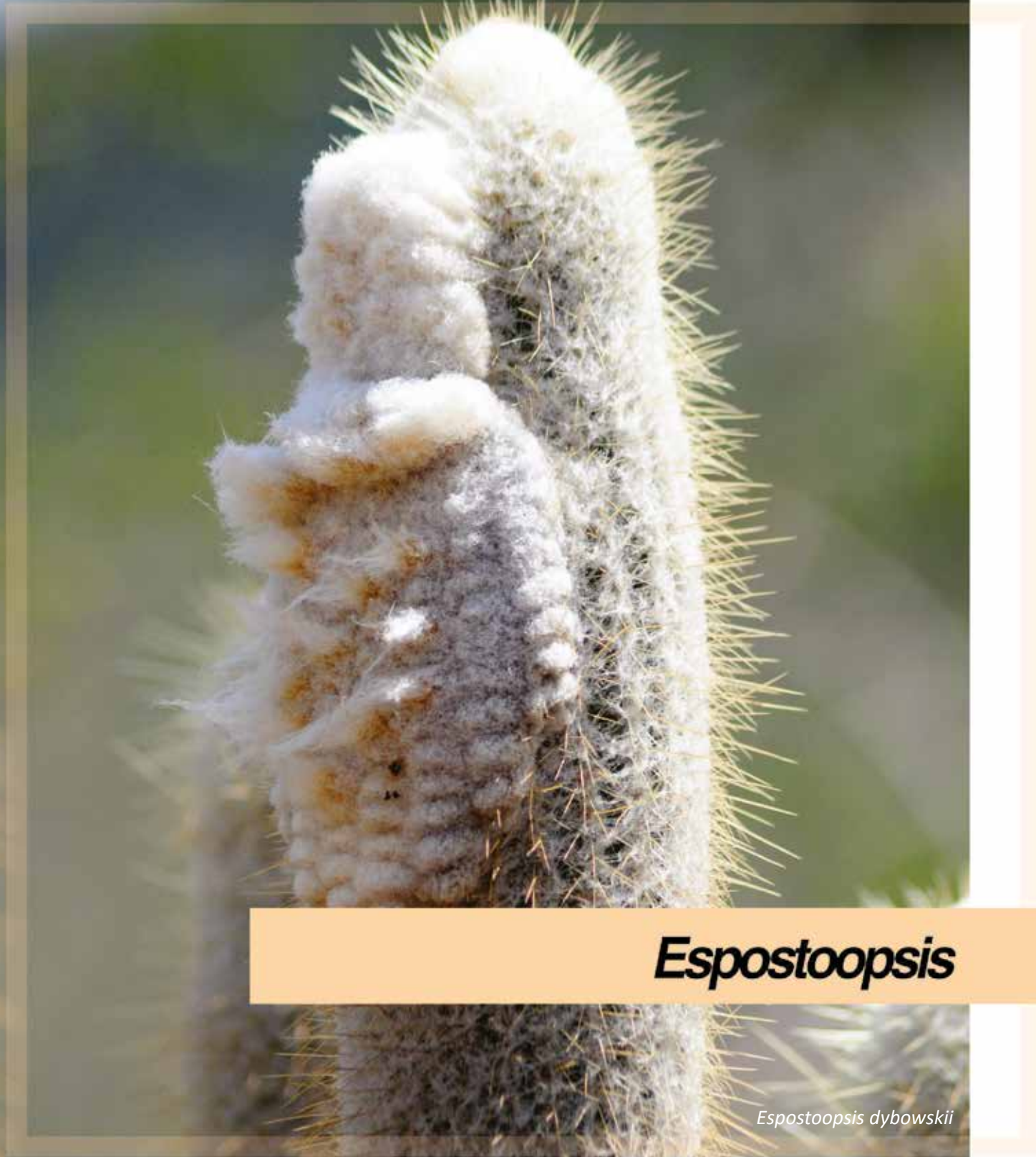
**Distribuição:** Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1595* – EAN.





Indivíduo adulto, em detalhe o fruto



# ***Espostopsis***

*Espostopsis dybowskii*



## 9. *Espostoopsis* Buxb.

Gênero monotípico (*Espostoopsis dybowskii*), pertencente à subfamília Cactoideae, endêmico da Bahia, ocupando áreas de caatinga. Possui hábito arbustivo, podendo ser arborescente, saxícola, com flores de antese noturna, brancas, em forma de sino, pericarpo e tubo liso, cefálio lateral, fruto com pericarpo fosco e rugoso, imerso no cefálio, de cor verde-oliváceo passando a rosado. Devido a sua exuberância nos ramos de aparência peluda, essa espécie é bastante cultivada, com grande potencial ornamental (Taylor & Zappi, 2004).

### 9.1. *Espostoopsis dybowskii* (Gosselin) Buxb.

Arbusto ou arvoreta, saxícola, ramos verdes com densas aréolas revestidas por longos tricomas brancos e espinhos brancos a avermelhados, cefálio revestido por denso aglomerado de tricomas brancos, flores cônicas brancas a rosa-claras.

**Nome vulgar:** Cabeça-de-velho, Homem-velho e Mandacarú-de-penacho.

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

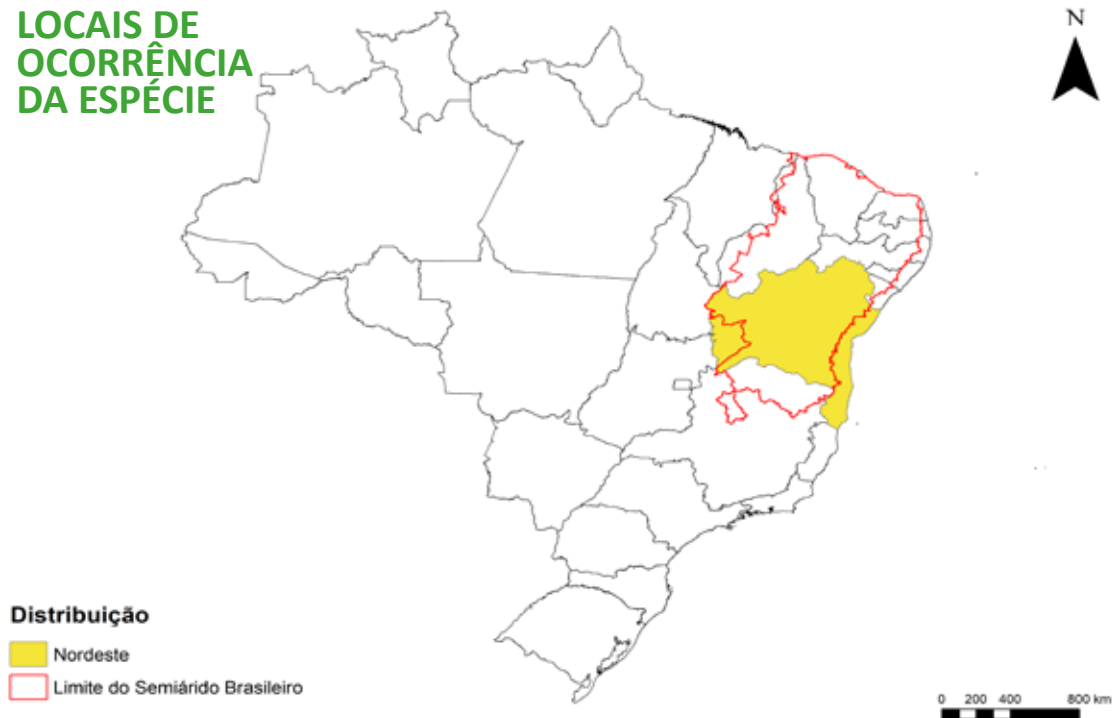
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1736* – EAN.

68

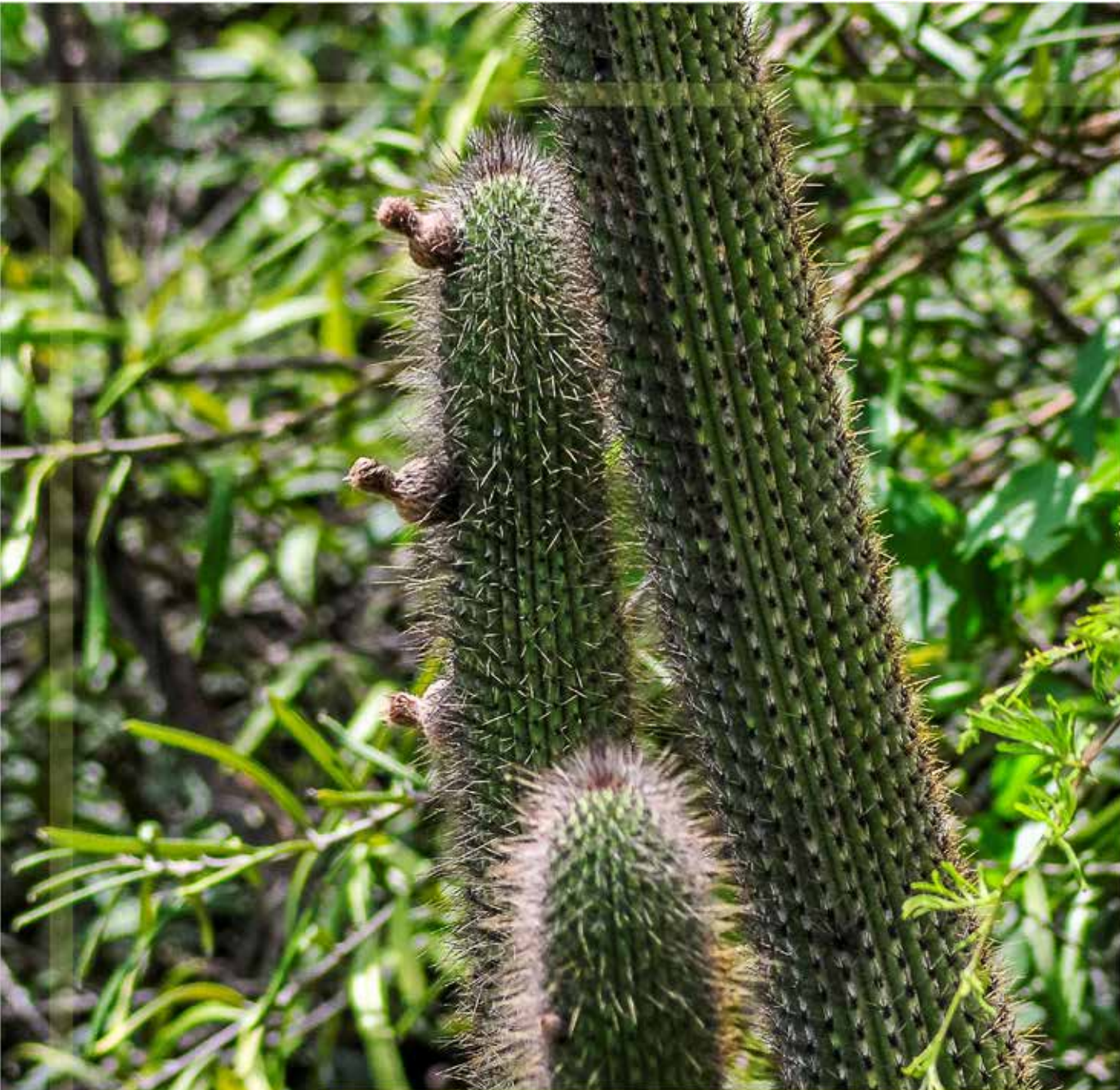
**LOCAIS DE  
OCORRÊNCIA  
DA ESPÉCIE**





Indivíduo adulto, em detalhe botão floral e ramos com céfalo lateral





## ***Facheiroa***

*Facheiroa squamosa*

## 10. *Facheiroa* Britton & Rose

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, endêmico do Brasil, sobretudo da Bahia. Compreende três espécies alopátricas: *F. cephaliomelana*, *F. squamosa* e *F. ulei*, as quais ocupam áreas de Caatinga. Apresentam hábito arborescente ou arbustivo, saxícola ou terrícola, com caules colunares que se ramificam na base ou formam árvores com troncos curtos com várias costelas. Região florífera na lateral do caule, subapical, ou flores dispostas aleatoriamente quando diferenciadas, por vezes formando um cefálio (Taylor & Zappi, 2004).



## 10.1. *Facheiroa squamosa* (Gürke) P.J.Braun & Esteves

Arvoreta ou arbusto, saxícola ou terrícola, ramos verdes a cinza esverdeados, espinhos marrons, região floral não diferenciada, ausência de cefálio, com flores dispostas de forma aleatória, brancas ou douradas internamente e segmentos externos do perianto amarronzados.

**Nome vulgar:** Facheiro ou Facheiro-preto.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia, Pernambuco e Piauí (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1946* – EAN.

72

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







Indivíduo jovem, em detalhe a flor

## 10.2. *Facheiroa ulei* (Gürke) Werderm.

Arbusto saxícola, ramos verde-escuros a cinza-esverdeados, espinhos marrons, região floral lateral, fortemente diferenciada, composta por cefálio com tricomas amarronzados, flores externamente vináceas, recobertas por escamas lanceoladas a triangulares, frutos depresso-globosos em forma de pera.

**Nome vulgar:** Facheiro-preto.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

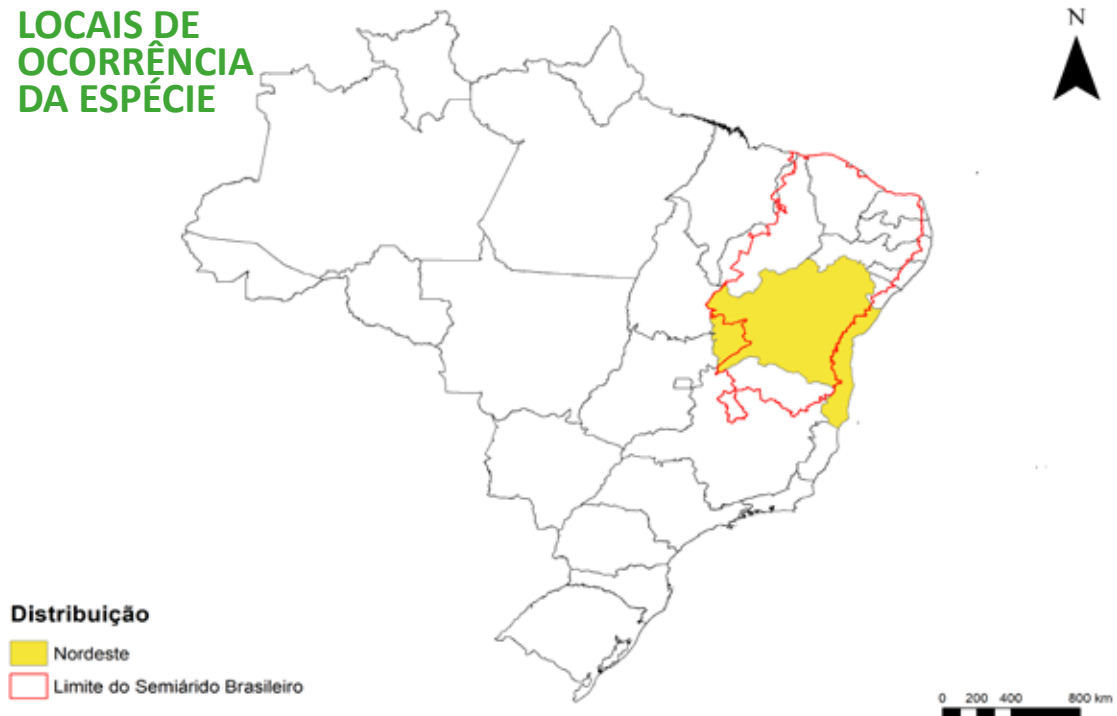
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1789* – EAN.

74

LOCAIS DE  
OCORRÊNCIA  
DA ESPÉCIE





**Indivíduos adultos, em detalhe cefálio lateral**





***Harrisia***

*Harrisia adscendens*



## 11. *Harrisia* Britton

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, distribui-se desde o Caribe até o Paraguai e Argentina. Compreende cerca de 19 espécies, das quais três são nativas do Brasil (*H. adscendens*, *H. balansae* e *H. tortuosa*). As espécies desse gênero são arbustivas, terrícolas, com ramos alongados semipêndulos, formando grandes touceiras, flores perfumadas e efêmeras, brancas, grandes, com antese noturna (Taylor & Zappi, 2004). Os frutos são esféricos, vermelhos ou vermelho-alaranjados, raramente amarelos, com polpa branca, sementes negrescentes. Algumas de suas espécies possuem potencial ornamental devido à forma e tipo de ramificação, além da exuberância de suas flores e coloração de seus frutos (Frank, 2016).

### 11.1. *Harrisia adscendens* (Gürke) Britton & Rose

Arbusto terrícola, atingindo mais de 2m de altura, ramos semipêndulos, formando grandes touceiras, flores vistosas de coloração branca e frutos avermelhados.

**Nome vulgar:** Rabo-de-raposa ou Passa-pra-lá.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1718* – EAN.

78

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







Indivíduo adulto, em detalhe frutos e flores





## ***Hylocereus***

*Hylocereus setaceus*

## 12. *Hylocereus* (A.Berger) Britton & Rose

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, com ampla distribuição, ocorrendo desde a América do Norte e México até o Brasil. Compreende cerca de 16 espécies, das quais apenas uma é encontrada no país (*H. setaceus*). Suas espécies são trepadeiras, hemiepífitas ou saxícolas, com flores vistosas, de perianto colorido e tubo floral dotados de aréolas com espinhos, além de brácteas, às vezes, muito desenvolvidas. Frutos coloridos, com podários salientes, aréolas espinescentes ou com grandes escamas, polpa branca a rosa-magenta e sementes negras (Taylor & Zappi, 2004).

*Hylocereus* destaca-se dentre as cactáceas como umas das frutíferas tropicais mais promissoras para o cultivo em escala comercial, cujos frutos são popularmente conhecidos nas Américas como “Pitaia” e na Ásia como “Fruto do Dragão” .



## 12.1. *Hylocereus setaceus* (Salm-Dyck) R.Bauer

Planta trepadeira, com flores vistosas, verticilos internos de cor branca e externos de cor avermelhada. Possui frutos maduros vermelho-magenta e espinhos que se desprendem facilmente, polpa branca, com sabor adocicado e numerosas sementes negras.

**Nome vulgar:** Rainha-da-noite, Mandacarú-de-três-quinas ou Espada-de-jacaré.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Não endêmica).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, São Paulo, Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1596* – EAN.

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Indivíduos adultos, em detalhe flor e fruto





## *Leocereus*

*Leocereus bahiensis*



## 13. *Leocereus* Britton & Rose

Gênero monotípico (*L. bahiensis*), pertencente à subfamília Cactoideae, endêmico do Brasil, ocorrendo na Bahia, Minas Gérias e Piauí. Arbusto saxícola ou terrícola, que cresce entre outros arbustos, em locais rochosos e arenosos na Caatinga de altitude, campo rupestre ou entre rochas e falésias no Cerrado. São plantas eretas ou semi-escandentes, pouco ramificadas, com hastes longas e finas, com pequenas e numerosas costelas, aréolas estreitamente espaçadas, espinho acicular fino, amarelado a marrom escuro ou enegrecido. Flores brancas, com antese noturna e frutos globosos a ovóides, vermelhos, indeiscentes, com polpa magenta (Taylor & Zappi, 2004). Este é um dos poucos cactos que, em sua composição química, é encontrada a cafeína (Andersson et al., 2005).

### 13.1. *Leocereus bahiensis* Britton & Rose

Arbusto terrícola ou saxícola, geralmente solitário, com ramos eretos a semi escandentes, atingindo até 3m de altura, flores verdes-amarronzadas com verticilos internos brancos.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia, Minas Gerais e Piauí (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1739* – EAN.





**Indivíduos adultos e jovens, em detalhe ramo com botão floral**





## *Lepismium*

*Lepismium cruciforme*

## 14. *Lepismium* Pfeiff.

Gênero sulamericano (Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai) pertencente à subfamília Cactoideae, compreende seis espécies, das quais quatro são nativas do Brasil. Plantas subarborescentes, geralmente epífitas, por vezes saxícolas, com ramos pendentes, geralmente segmentados, podendo ser cilíndricos, estriados, angulados, alados ou planos, com aréolas não aparentes. Possuem flores brancas ou rosadas a avermelhadas, hipanto muito curto ou ausente e frutos globosos ou angulosos, baciformes, com cores brilhantes, vermelhas ou negrescentes.

Esse gênero tem sido relacionado a *Rhipsalis* por alguns autores, porém este não possui a ramificação acrotônica que é a característica considerada como uma apomorfia deste último (Hunt et al., 2006).

### 14.1. *Lepismium cruciforme* (Vell.) Miq.

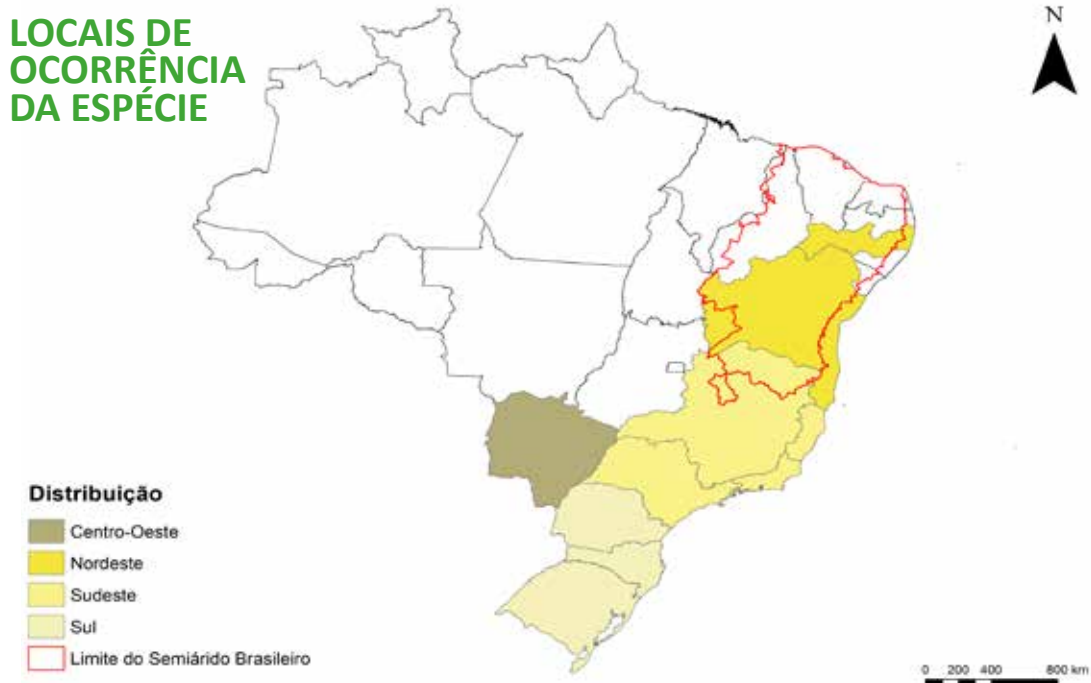
Plantas subarborescentes, epífíticas, com ramos angulares, pêndulos ou prostrados no forófito, arroxeados quando jovens, tornando-se esverdeados na maturidade, flores branco-rosadas com estigma esverdeado, frutos de cor magenta, contendo coroa de tricomas na base.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Não endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1636* – EAN.







Indivíduo adulto, em detalhe ramo com frutos e indivíduos no habitat natural



## **Melocactus**

*Melocactus paucispinus*

## 15. *Melocactus* Link & Otto

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, distribui-se desde o México, Caribe, Venezuela e Peru, com centro de diversidade no leste do Brasil, ocorre nos estados do Amazonas, Roraima, Piauí, Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018). Compreende cerca de 35 espécies, das quais 23 são endêmicas do Brasil.

As espécies de *Melocactus* são solitárias, subarborescentes, saxícolas ou terrícolas, cilíndricas, globosas, cônicas ou depressoglobosas, possuem 7 a 21 costelas altas, angulosas a arredondadas, além do crescimento interrompido pelo desenvolvimento do cefálio terminal compacto. Flores pequenas, róseas, saindo do topo do cefálio. Frutos indeiscentes, brancos, vermelhos, rosados ou magenta, com polpa liquefeita, adocicada, sementes cocleariformes negras (Taylor & Zappi, 2004).

São comumente chamados de “coroa-de-frade” ou “cabeça-de-frade” em virtude da presença do cefálio localizado no ápice da planta (semelhante à tonsura dos padres franciscanos), em indivíduos adultos (Taylor, 1991), contudo, essa nomenclatura popular é utilizada sem distinção taxonômica, para todas as espécies de *Melocactus* e algumas de *Discocactus*.



## 15.1. *Melocactus azureus* Buining & Brederoo

Subarbusto saxícola, globoso, achatado ou ligeiramente cilíndrico, epiderme glauca, espinhos negrescentes, marrom-avermelhados ou avermelhados sobrepostos ao cinza, cefálio com cerdas avermelhadas e lã de cor branca.

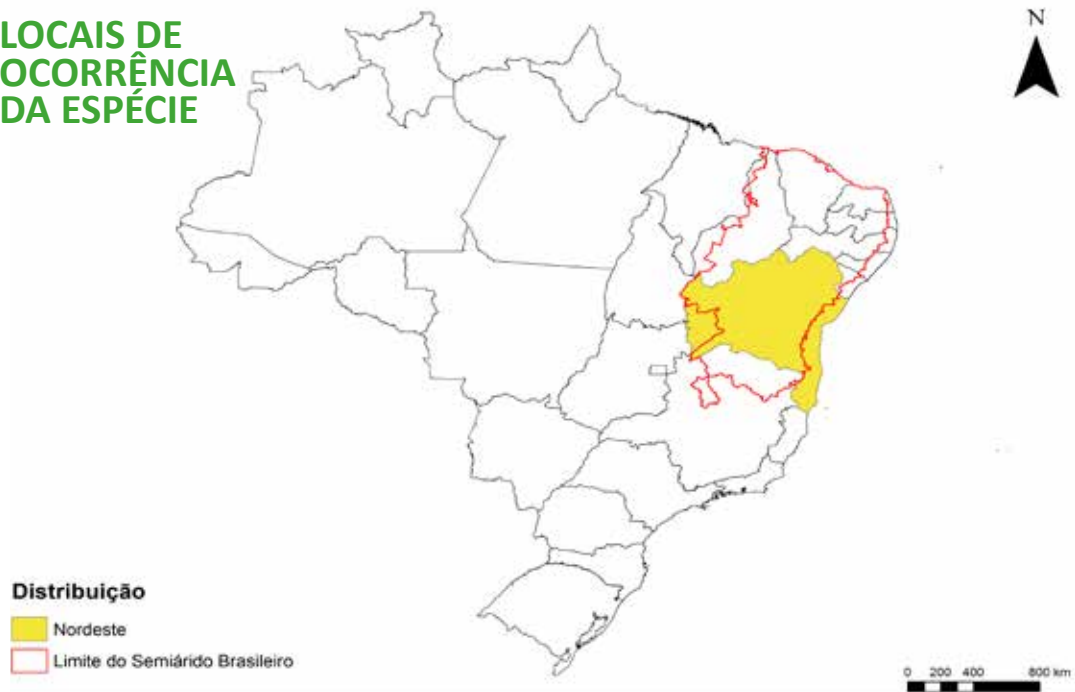
**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Com registro apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1800* – EAN.

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Indivíduo adulto , em detalhe cefálio e aréola

15.2. *Melocactus bahiensis* (Britton & Rose) Luetzelb. subsp. *amethystinus* (Buining & Brederoo) N.P.Taylor

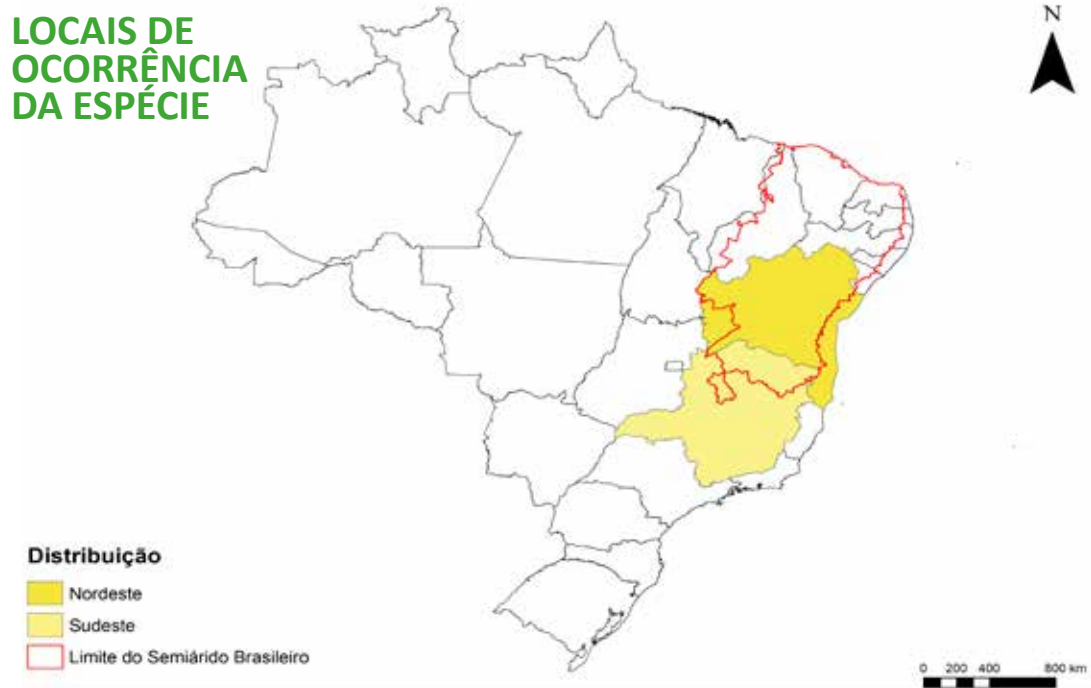
Subarbusto saxícola, achatado, globoso ou piramidal, epiderme verde-clara ou verde escura, espinhos marrons a avermelhados ou amarelados.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2012* – EAN.







Indivíduo jovem, em detalhe aréola



### 15.3. *Melocactus bahiensis* (Britton & Rose) Luetzelb. subsp. *bahiensis*

Subarbusto saxícola, globoso, achatado ou piramidal, epiderme verde-clara ou verde-escura, espinhos em tons claros de marrom-avermelhados, depois acinzentados.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia e Pernambuco (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1683* – EAN.







Indivíduo adulto, em detalhe cefálio e aréola



## 15.4. *Melocactus concinnus* Buining & Brederoo

Subarbusto terrícola ou saxícola, globoso, achatado, epiderme verde-acinzentada a glauca, espinhos avermelhados a negrescentes quando jovens, tornando-se mais claros depois, em tons amarelos ou marrom-avermelhados, recobertos por cinza, exceto as pontas negras, cefálio composto por cerdas vermelho-rosadas com lâ de cor creme.

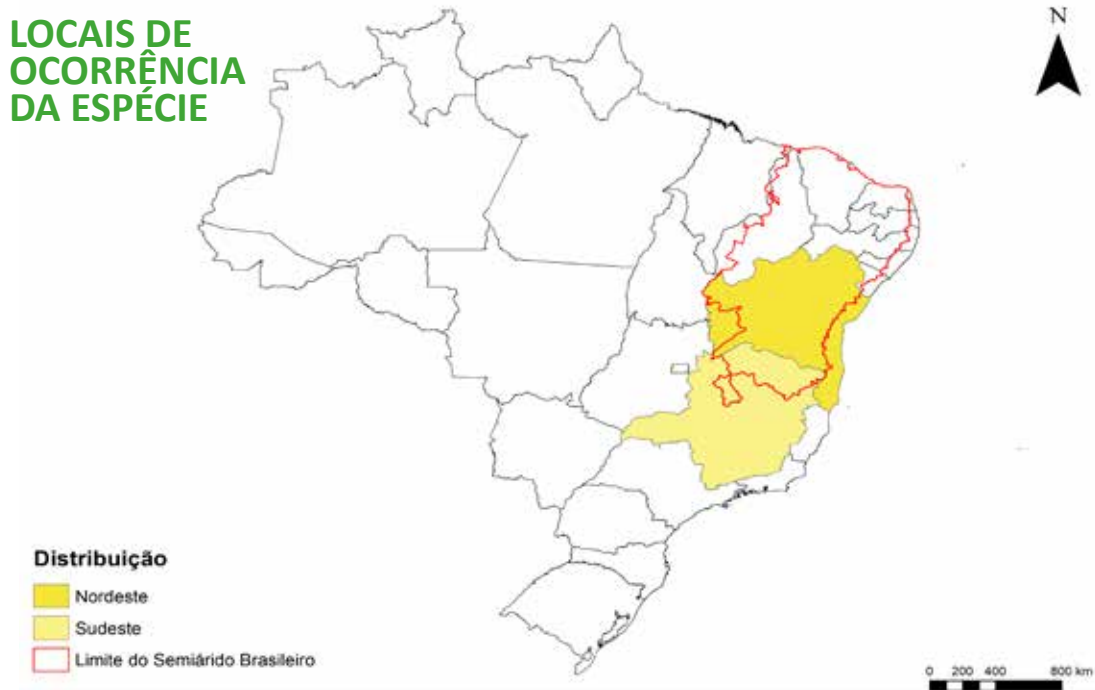
**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1823* – EAN.

100





Indivíduo adulto, em detalhe cefálio e aréola

## 15.5. *Melocactus conoideus* Buining & Brederoo

Subarbusto terrícola de solos cascalhados, fortemente globoso, achatado a hemisférico, epiderme verde, espinhos marrom-escuros, por vezes cinza-claros.

**Status de conservação:** Considerada criticamente ameaçada (CR) de extinção (IUCN-2018).

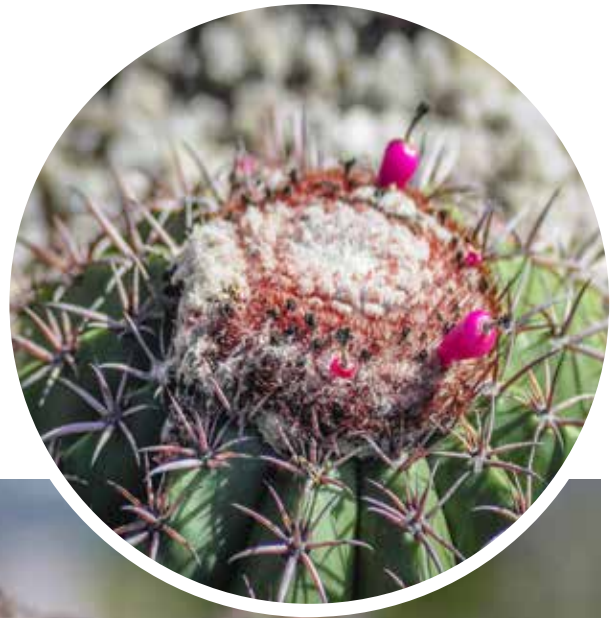
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia (Taylor e Zappi, 2004; Zappi et al., 2018), e novo registro em Minas Gerais (\*)

**Voucher:** *E.M.Almeida 1936* – EAN.







**Indivíduos adultos, em detalhe aréola e cefálio com frutos**

## 15.6. *Melocactus ernestii* Vaupel subsp. *ernestii*

Subarbusto saxícola, subgloboso a ligeiramente cilíndrico, epiderme verde-amarelada a verde-escura, espinhos vermelho-amarronzados, longos e finos.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1619* – EAN.







Indivíduo adulto, em detalhe aréola e cefálio com flores



## 15.7. *Melocactus ferreophilus* (Buining & Brederoo) N.P.Taylor

Subarbusto saxícola, quase sempre cilíndrico, epiderme verde-escura a verde-acinzentada, espinhos marrom-avermelhados, cefálio sem estruturas circulares, cerdas bem visíveis, ápice com tufos acastanhados. Em plantas adultas.

**Status de conservação:** Considerada criticamente ameaçada (CR) de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Com registro apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1813* – EAN.





Indivíduo jovem, em detalhe aréola e cefálio.

## 15.8. *Melocactus glaucescens* Buining & Brederoo

Subarbusto saxícola ou terrícola, achatado, globoso ou piramidal, epiderme fortemente glauca durante a fase jovem, depois verde acinzentada, espinhos marrom-escuro, depois acinzentados.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Com registro apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1776* – EAN.







Indivíduo adulto, em detalhe cefálio com flores

## 15.9. *Melocactus inconcinus* Buining & Brederoo

Subarbusto terrícola ou saxícola, cilíndrico, epiderme verde-escura, espinhos marrom-avermelhados, cefálio composto por cerdas avermelhadas com lâ alva.

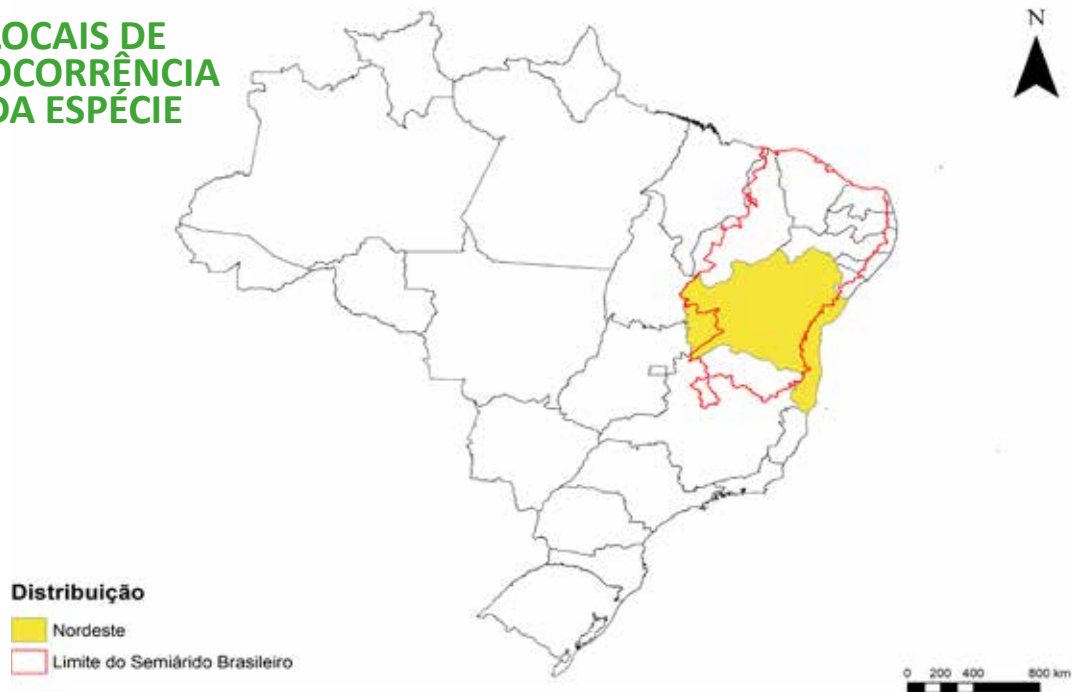
**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Com registro apenas na Bahia (Hunt et al., 2006).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2179* – EAN.

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







Indivíduo adulto, em detalhe aréola e cefálio



## 15.10. *Melocactus lanssensianus* P.J.Braun

Subarbusto saxícola, globoso, achatado, epiderme verde-escura ou clara, espinhos acinzentados, cefálio composto por cerdas vermelho-pálidas com lã creme clara.

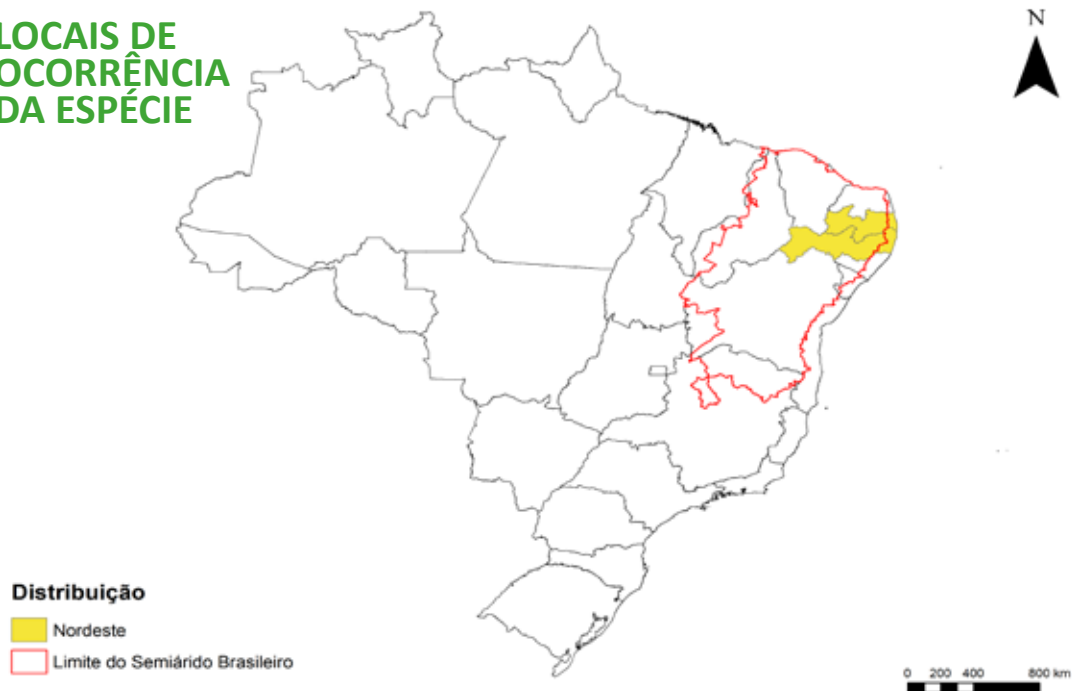
**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) de extinção (IUCN-2018).

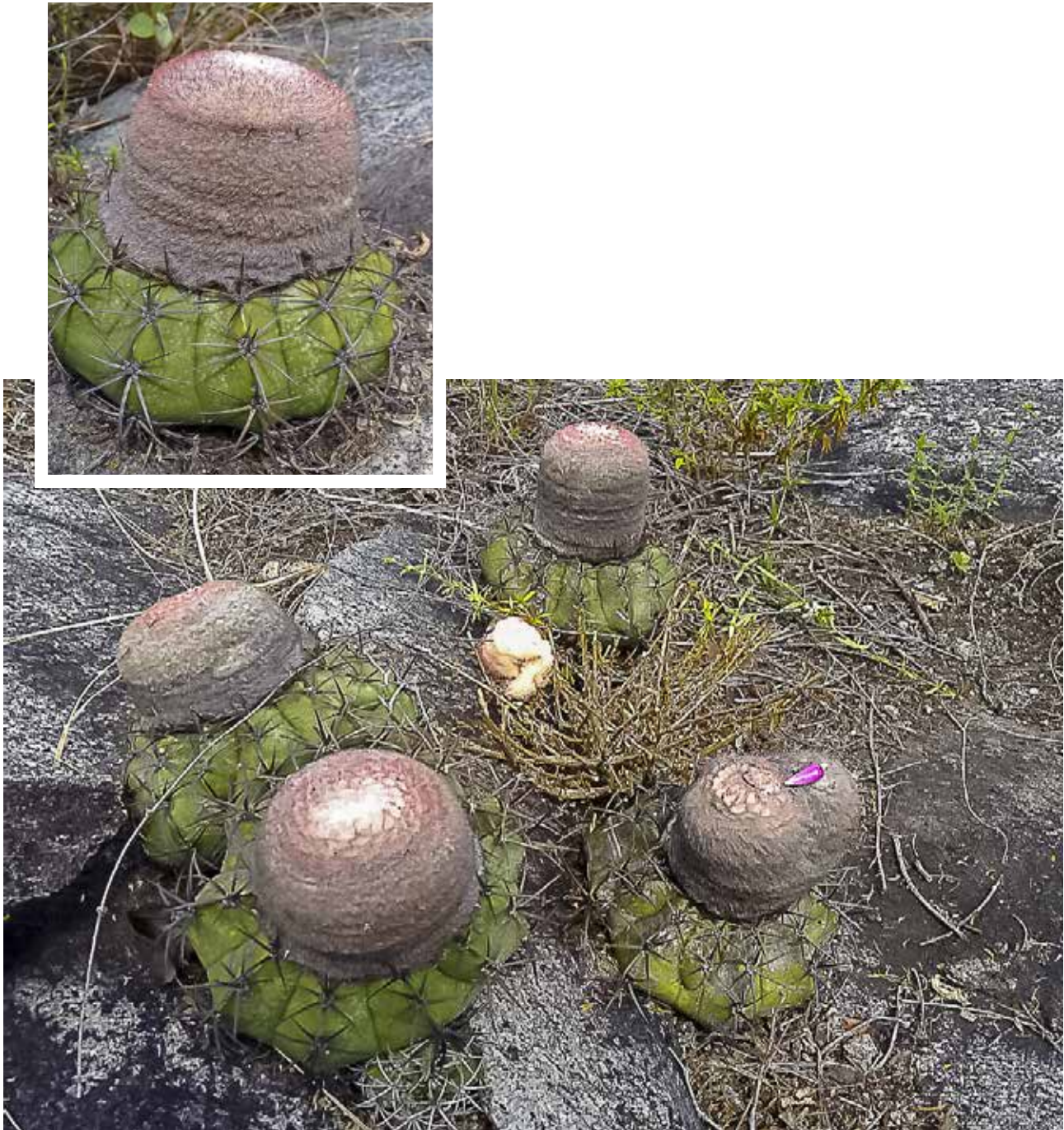
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Paraíba e Pernambuco (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida S/N – EAN.*

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Indivíduos adultos no habitat natural, com indivíduo em destaque

**15.11. *Melocactus oreas* Miq. subsp. *cremnophilus* (Buining & Brederoo)  
P.J.Braun**

Subarbusto saxícola, globoso a fortemente achatado, epiderme verde-escura, espinhos vermelho-amarronzados a marrom-claros, longos e finos.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Com registro apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1752* – EAN.

**LOCAIS DE  
OCORRÊNCIA  
DA ESPÉCIE**







**Indivíduos jovens, em detalhe cefálio com frutos imaturos**

## 15.12. *Melocactus pachyacanthus* Buining & Brederoo subsp. *pachyacanthus*

Subarbusto saxícola, globoso, achatado ou ovoide, epiderme glauca, cefálio com cerdas avermelhadas e lãs esbranquiçadas.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

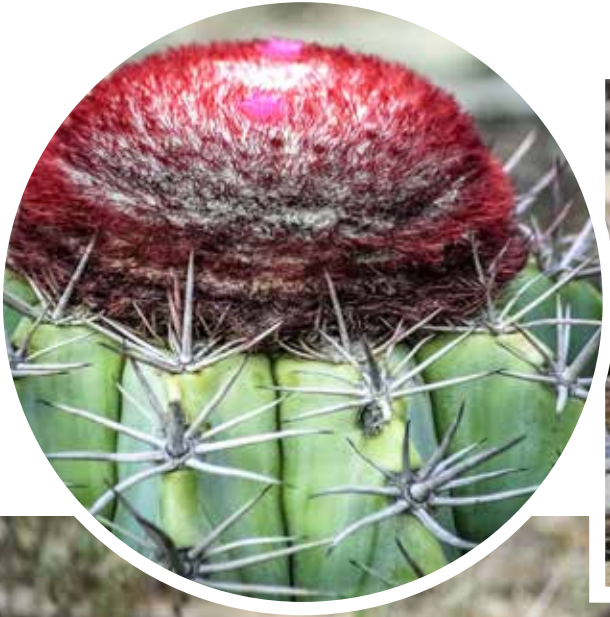
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Com registro apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1778* – EAN.







Indivíduos adultos, em detalhe cefálio com flores



### 15.13. *Melocactus pachyacanthus* Buining & Brederoo subsp. *viridis* N.P.Taylor

Subarbusto saxícola, globoso, achatado ou ovoide, epiderme verde-clara, quando jovem pode apresentar coloração glauca, cefálio densamente recoberto por cerdas avermelhadas e lãs pouco visíveis ou inexistentes.

**Status de conservação:** Considerada criticamente ameaçada (CR) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Com registro apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1851* – EAN.





Indivíduos adultos, em detalhe o cefálio e aréola

### 15.14. *Melocactus paucispinus* Heimen & R.J.Paul

Subarbusto saxícola ou terrícola, fortemente achatado, hemisférico ou discoide, epiderme clara, verde-acinzentada, espinhos cinza-claros com pontas marrom escuras, cefálio composto por cerdas vermelho-rosadas e lãs creme claras.

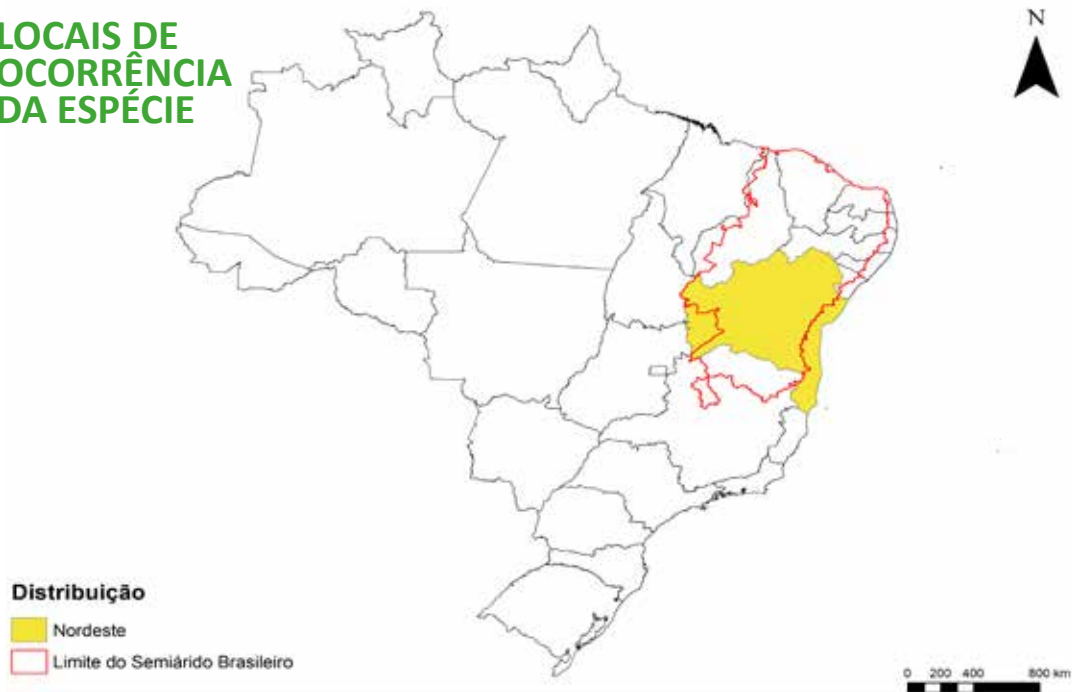
**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Com registro apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1854* – EAN.

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







**Indivíduo adulto, em detalhe cefálios com flores e frutos**

### 15.15. *Melocactus salvadorensis* Werderm.

Subarbusto saxícola ou terrícola, globoso, piramidal ou achatado, epiderme verde-acinzentada a fortemente glauca, espinhos amarelos a marrom-avermelhados, cefálio composto por cerdas avermelhadas com pouca lã branco-acinzentada.

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Com registro apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2092* – EAN.







Indivíduos jovens, em detalhe aréola



## 15.16. *Melocactus violaceus* Pfeiff. subsp. *margaritaceus* N.P.Taylor

Subarbusto terrícola de solos arenosos, espinhos branco-acinzentados, cefálio rico em lã alva com poucas cerdas pálido-avermelhadas.

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Sergipe (Taylor & Zappi, 2004) e Pernambuco (Zappi et al., 2018), com registro de nova ocorrência para Paraíba (\*).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1676* – EAN.





Indivíduo adulto, em detalhe indivíduo jovem com vista lateral e superior

### 15.17. *Melocactus violaceus* Pfeiff. subsp. *violaceus*

Subarbusto saxícola ou terrícola, de solos arenosos, geralmente recoberto por areia, globoso-achatado, espinhos acinzentados, pequenos e finos.

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

Voucher: *E.M.Almeida 1618* – EAN.







**Indivíduos adultos com flor e fruto**

### 15.18. *Melocactus zehntneri* (Britton & Rose) Luetzelb.

Subarbusto saxícola ou terrícola, hemisférico a cilíndrico, porém com morfologia muito variável. Possui epiderme com coloração cinza-escura a verde-clara, espinhos amarelados, marrons ou rosados, depois acinzentados, cefálio composto por cerdas pálidas, vermelho-rosadas, com lã branca a creme.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1644* – EAN.

128







**Indivíduos no habitat natural, destaque para o tamanho do cefálio**



### 15.19. *Melocactus × horridus* Werderm.

Subarbusto saxícola, espinhos vermelho-amarrozados, dourados ou acinzentados. Táxon proveniente do cruzamento natural entre *Melocactus zehntneri* e *Melocactus ernestii* subsp. *ernestii* (ver Taylor & Zappi, 2004).

**Status de conservação:** Espécie não avaliada quanto ao status de conservação.

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Paraíba e Pernambuco (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1668* – EAN.





Indivíduo adulto, destaque para as aréolas





## *Micranthocereus*

*Micranthocereus purpureus*



## 16. *Micranthocereus* Backeb.

Gênero endêmico do Brasil pertencente à subfamília Cactoideae. Ocorre nos estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Tocantins, compreendendo cerca de 10 espécies. São plantas arbustivas, saxícolas ou terrícolas, ramificadas apenas na base do caule, possuem flores com antese diurna ou raramente noturna. Frutos globoso-ovoides, indeiscentes ou deiscentes e numerosas sementes castanho-escuras a negras (Taylor & Zappi, 2004).

*Micranthocereus* comporta grande número de espécies que, de acordo com as normas estabelecidas para avaliar os riscos de extinção de plantas na natureza da IUCN (2018), encontram-se com status de conservação preocupante.

## 16.1. *Micranthocereus flaviflorus* Buining & Brederoo

Arbusto saxícola, extremamente ramificado a partir da base do caule, ramos parcialmente decumbentes, espinhos flexíveis dourados ou avermelhados, porção fértil do ramo revestida por tricomas brancos ou amarelados, flores vermelho-alaranjadas.

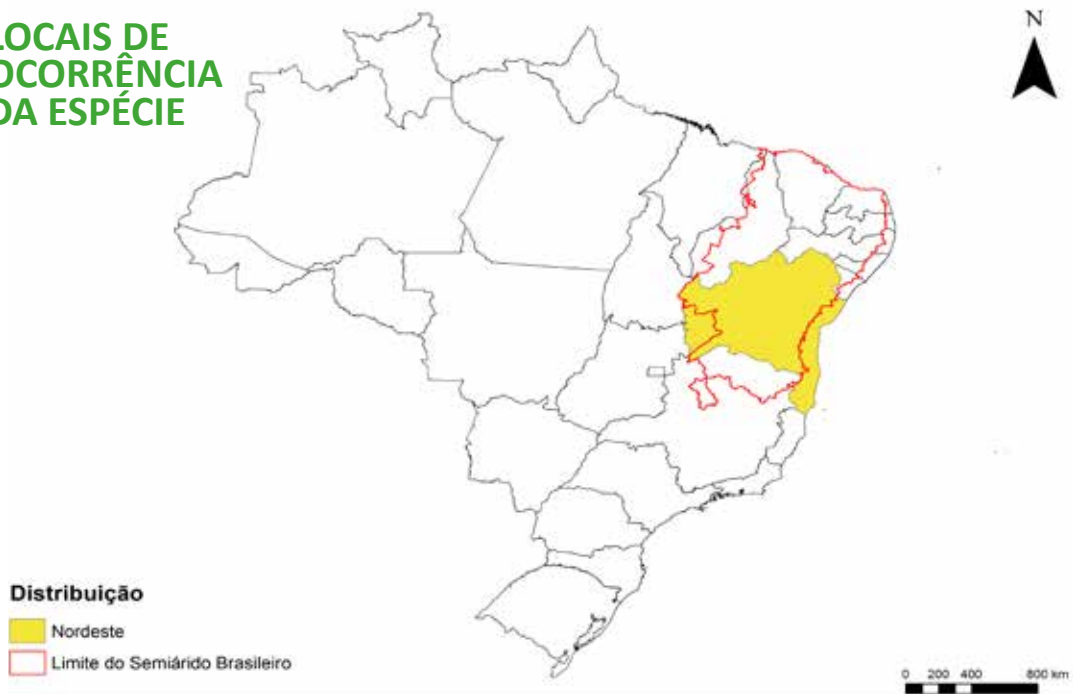
**Status de conservação:** Considerada quase ameaçada (NT) de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1796* – EAN.

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





**Indivíduos adultos, em detalhe cefálio com botão floral e flor**



**16.2. *Micranthocereus polyanthus* (Werderm.) Backeb. subsp. *alvinii*  
M.C.Machado & Hofacker**

Arbusto terrícola ou saxícola, ramificado a partir da base do caule, ramos parcialmente decumbentes, porção fértil do ramo revestida por tricomas brancos e espinhos dourados, flores rosadas com antese diurna e frutos vermelhos.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) de extinção (PO 443/2014).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1767* – EAN.





137



**Indivíduo adulto, em detalhe cefálio com flores, botões florais e frutos**

### 16.3. *Micranthocereus purpureus* (Gürke) F.Ritter.

Arbusto saxícola, ramificado a partir da base, ramos eretos com porção fértil revestida por tricomas dourados ou amarronzados, flores púrpuras.

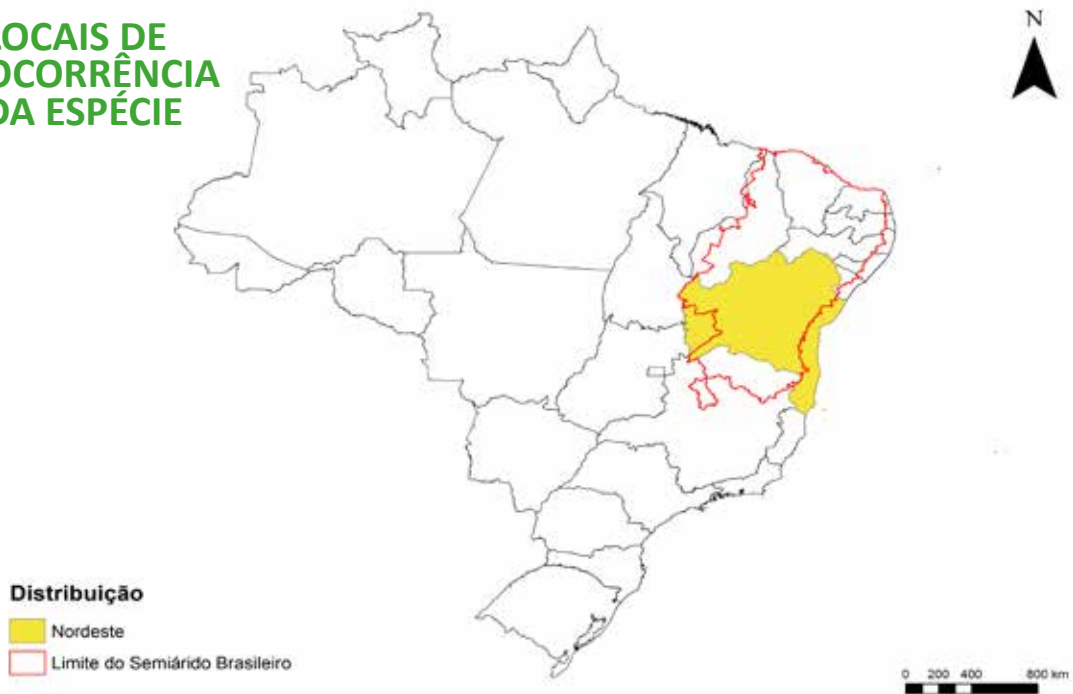
**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1751* – EAN.

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







Indivíduos adultos, em detalhe cefálio com botão floral

## 16.4. *Micranthocereus streckeri* Van Heek & Van Criel

Arbusto saxícola, muito ramificado a partir da base do caule, ramos eretos com porção fértil revestida por tricomas dourados ou vermelho-amarronzados, flores rosa escuras.

**Status de conservação:** Considerada criticamente ameaçada (CR) de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1942* – EAN.







Indivíduo adulto com detalhe dos cefálios





**Pereskia**

*Pereskia aureiflora*

## 17. *Pereskia* Mill.

*Pereskia* pertence à subfamília Pereskioideae, sendo amplamente distribuído nas Américas e Caribe, em habitats florestais mais secos (Mauseth & Landrum, 1997). O gênero possui cerca de 17 espécies, das quais nove são nativas do Brasil. Destacam-se na família como um dos gêneros que possui folhas bem desenvolvidas, decíduas durante a estação seca, por vezes suculentas. Aréolas nas axilas de folhas decíduas, esparsamente a densamente tomentosas, produzindo também espinhos e, às vezes, folhas braquiblasticas, flores solitárias ou proliferando a partir do receptáculo umas das outras, formando grandes cimeiras (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018). Suas espécies são frequentemente interpretadas como “cacto relictual” dentro da família, devido a sua morfologia e fisiologia especializada em relação aos demais. Esse grupo é comumente referido como o gênero a partir do qual todos os outros cactos evoluíram (ver Edwards et al., 2005).

Por serem plantas com folhas de aparência suculenta e crassa, algumas espécies de *Pereskia* são popularmente conhecidas no Brasil por “ora-pro-nobis”. *P. aculeata* e *P. grandifolia* têm sido introduzidas na dieta humana, na busca por fontes alternativas de minerais, proteínas, vitaminas e fibras, fazendo parte do grupo das hortaliças não convencionais (Almeida & Corrêa, 2012).

### 17.1. *Pereskia aculeata* Mill.

Planta arbustiva, escandente ou lianescente, terrícola ou saxícola, possui ramos com aréolas contendo espinhos pareados e curvos (forma de acúleos). Possui folhas achatadas e crassas, inflorescências em racemos ou panículas densas de flores alvas e estames amarelados ou alaranjados.

**Nome vulgar:** Azedinha, Espinho-preto, Surucucú, Cipó-Santo, Lobolobô, Espinho-de-Santo-Antônio, ou mais comumente, Ora-pro-nobis.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

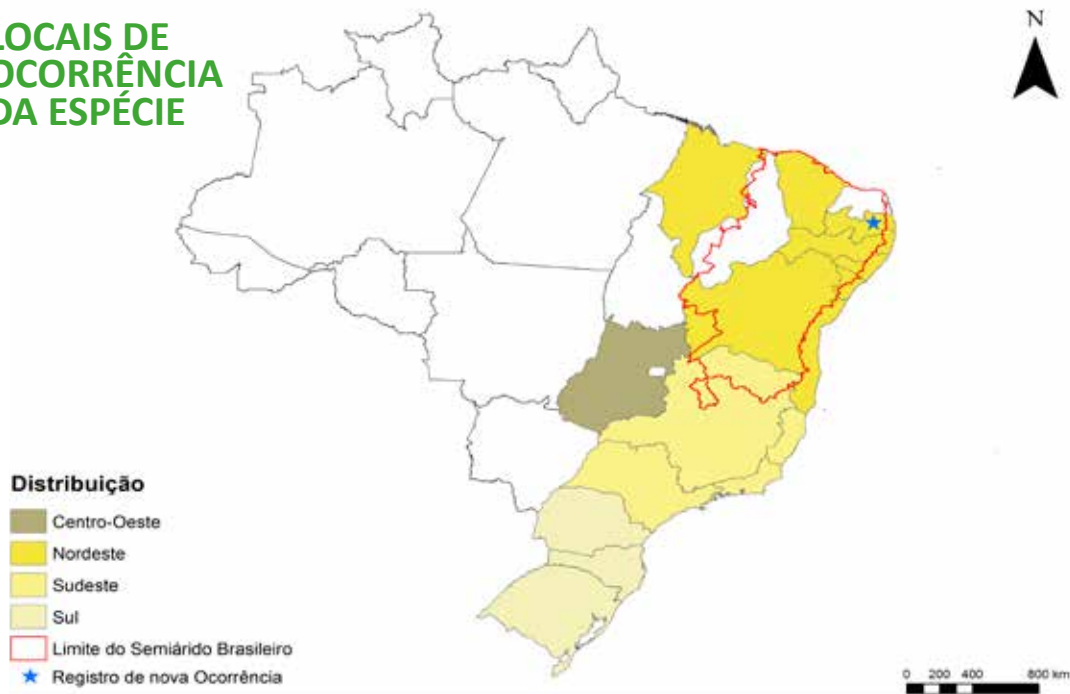
**Origem:** Nativa (Não endêmica).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004), com registro novo de ocorrência na Paraíba (\*).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1594* – EAN.

144

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







**Indivíduo jovem com detalhe do espinho em forma de acúleo recurvado**

## 17.2. *Pereskia aureiflora* F.Ritter

Espécie arbustiva ou arvoreta, terrícola ou saxícola, ramos eretos a arqueados, folhas crassas com ápice agudo ou acuminado, aréolas com espinhos retos, flores solitárias amarelas e receptáculo sem cerdas.

**Nome vulgar:** Facho ou Ora-pro-nobis-da-mata.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

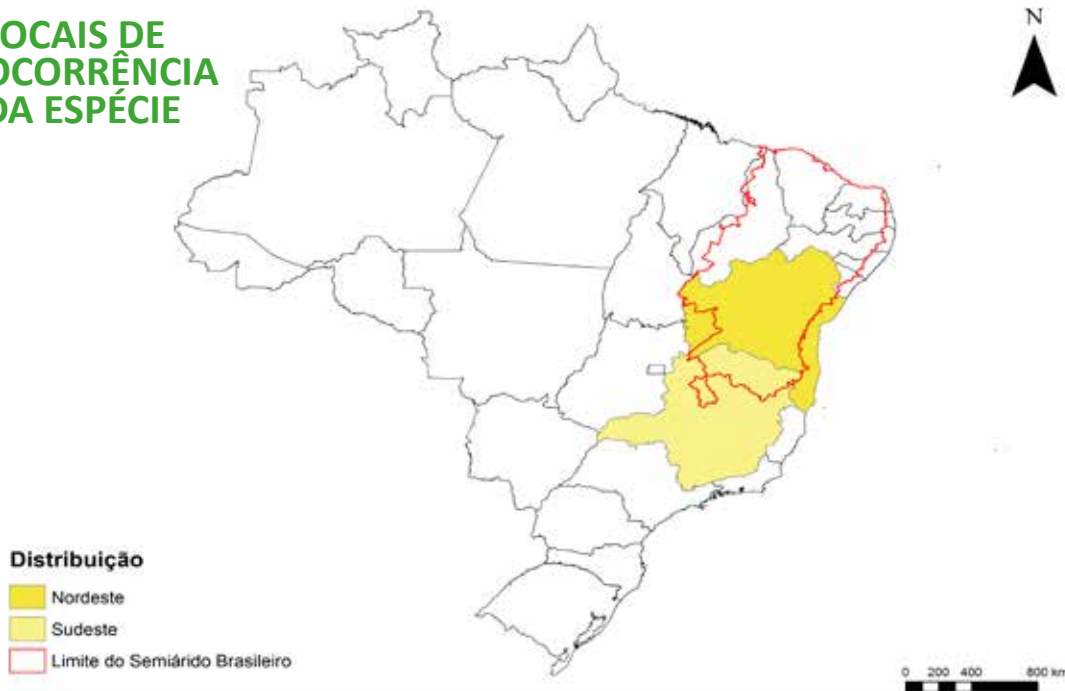
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Distribuiu-se na Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2004* – EAN.

146

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





**Ramo da planta, em detalhe flor e botão floral**



### 17.3. *Pereskia bahiensis* Gürke

Espécie arbórea ou arvoreta, terrícola, ramos eretos a arqueados nas plantas adultas, extremamente ramificadas, folhas grandes e crassas, inflorescências cimosas paniculadas ou flores solitárias róseas.

**Nome vulgar:** Quiabento, Inhabento, Jumbeba, Surucucú, Flor-de-cera, Espinho-de-Santo-Antônio, Entrada-de-baile ou Ora-pro-nobis.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

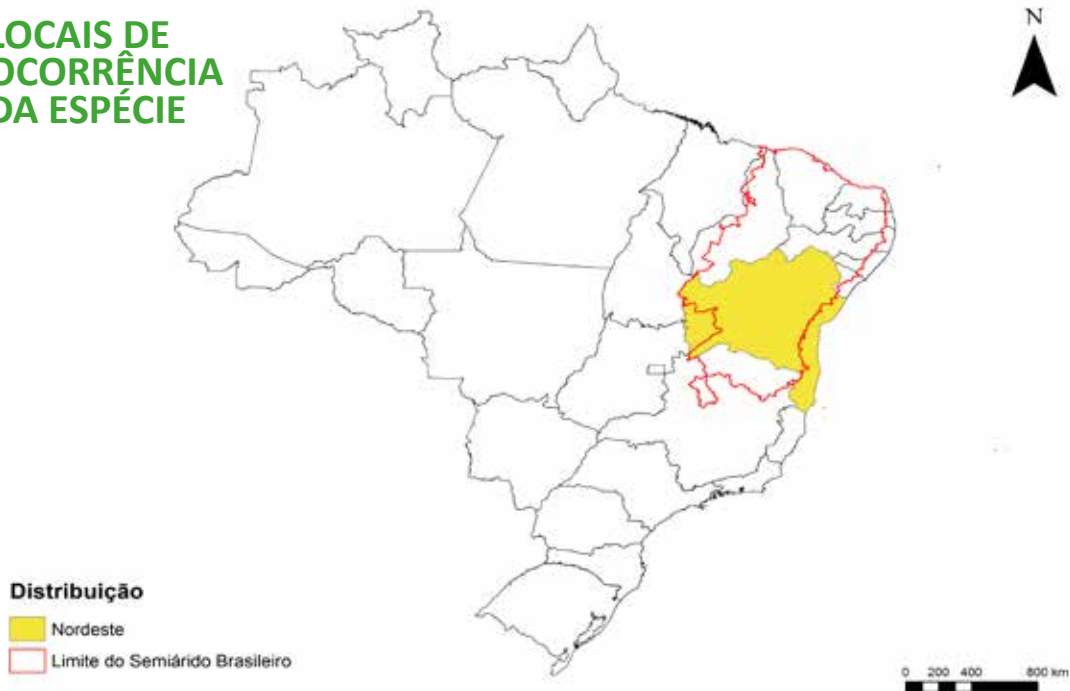
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Ocorre apenas no estado da Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1738* – EAN.

148

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





149



**Indivíduo adulto, em detalhes ramo com botão floral e flor**

#### 17.4. *Pereskia grandifolia* Haw. subsp. *grandifolia*

Planta arbórea ou arborescente, terrícola ou saxícola, possuindo ramos eretos e densos, folhas grandes (fazendo jus ao epíteto) e crassas ou coriáceas, inflorescências cimosas paniculadas com flores róseas exuberantes.

**Nome vulgar:** Sabonete, Quiabento, Entrada-de-baile, Rosa-mole ou Sem-vergonha.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC), quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

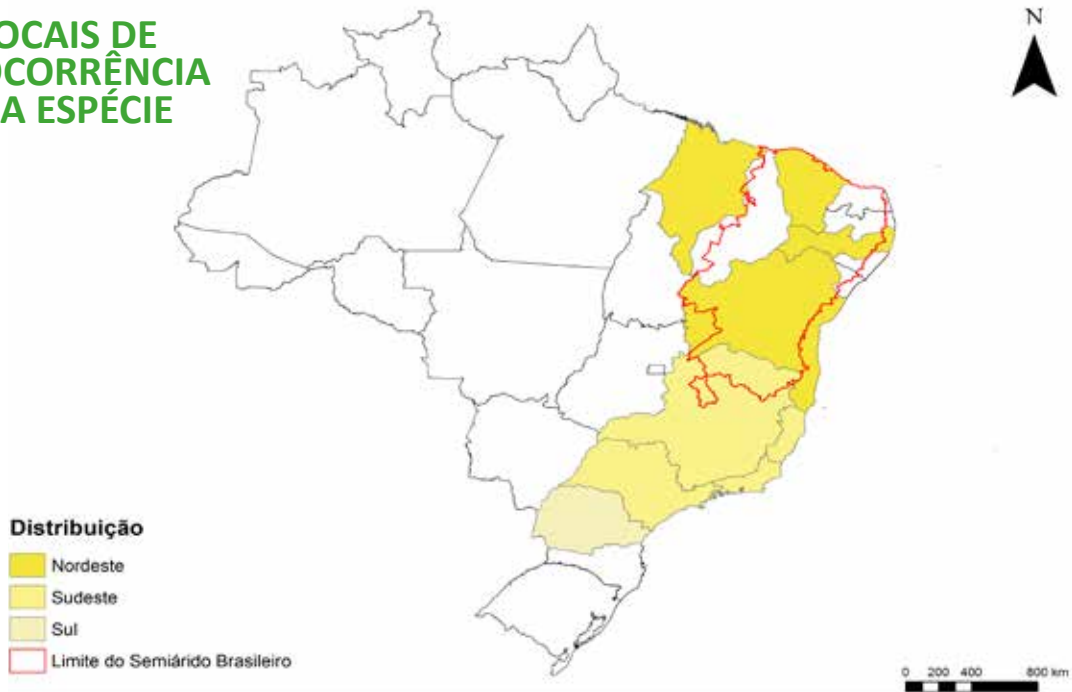
**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo (Taylor & Zappi, 2004).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1935* – EAN.

150

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE

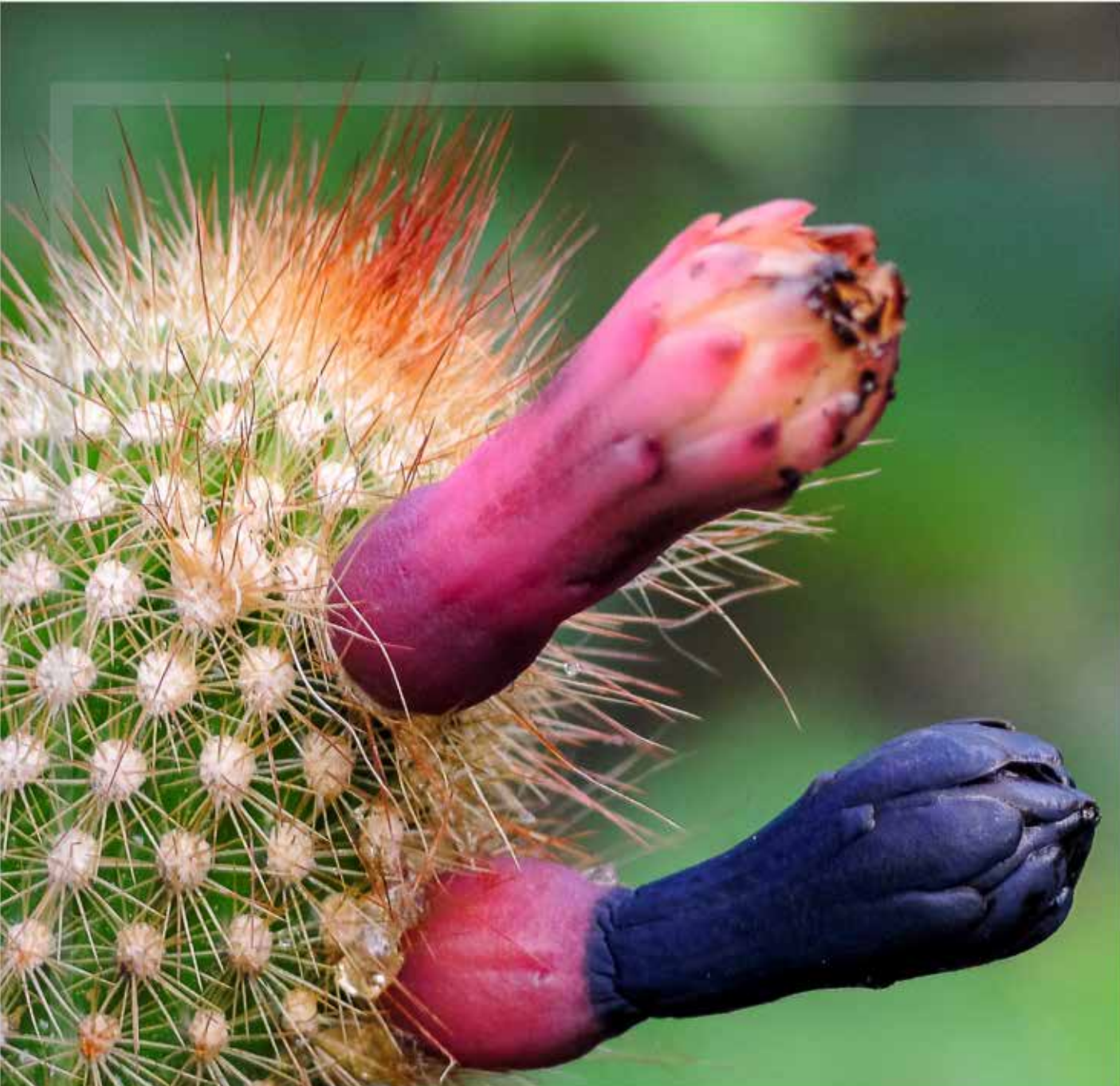






**Indivíduo adulto, em detalhe ramo florido e espinhos axilares**





## *Pilosocereus*

*Pilosocereus aureispinus*

## 18. *Pilosocereus* Byles & G.D.Rowley

Gênero neotropical pertencente à subfamília Cactoideae, ocorre desde o México e sul dos Estados Unidos até o Paraguai, com centro de diversidade no Brasil. Compreende cerca de 37 espécies, das quais 29 são nativas do Brasil, e destas, 26 são endêmicas (Zappi et al., 2018).

As espécies de *Pilosocereus* são arbustivas a arborescentes, saxícolas ou terrícolas, ramificadas na base ou acima, em geral candelabriformes. Muitas espécies apresentam troncos de cores espetaculares, azuis ou verdes. Possuem flores com antese noturna, geralmente brancas. Frutos globoso-depressos, com sementes abundantes, castanho-escuras a negras (Taylor & Zappi, 2004).

*Pilosocereus gounellei* é a espécie mais difundida na literatura, sendo popularmente conhecida como facheiro e xique-xique, verdadeiro ícone da cultura do Semiárido brasileiro.



### 18.1. *Pilosocereus aureispinus* (Buining & Brederoo) F.Ritter

Arbusto saxícola, podendo alcançar mais de 2m de altura, ramificações partindo da base caulinar, verde-escuras, espinhos translúcidos de coloração dourada a ferrugínea, porção fértil ligeiramente diferenciada pela presença de tricomas brancos e cerdas douradas. As flores são rosa-esbranquiçadas, frutos avermelhados a roxos com polpa branca e sementes cônicas.

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (IUCN, 2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1944* – EAN.

154





**Indivíduo jovem com botões florais e frutos em destaque**

## 18.2. *Pilosocereus azulensis* N.P.Taylor & Zappi

Arvoreta associada a afloramentos rochosos (inselbergs), pouco ramificada, ramos verde-escuros com aréola adornada por tricomas curtos acinzentados e tricomas longos amarronzados, espinhos curtos de coloração marrom a negrescente.

**Status de conservação:** Considerada criticamente em perigo (CR) de extinção (IUCN, 2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas em Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1977* – EAN.







Indivíduo jovem e vistas das aréolas em destaque

### 18.3. *Pilosocereus brasiliensis* (Britton & Rose) Backeb. subsp. *ruschianus* (Buining & Brederoo) Zappi

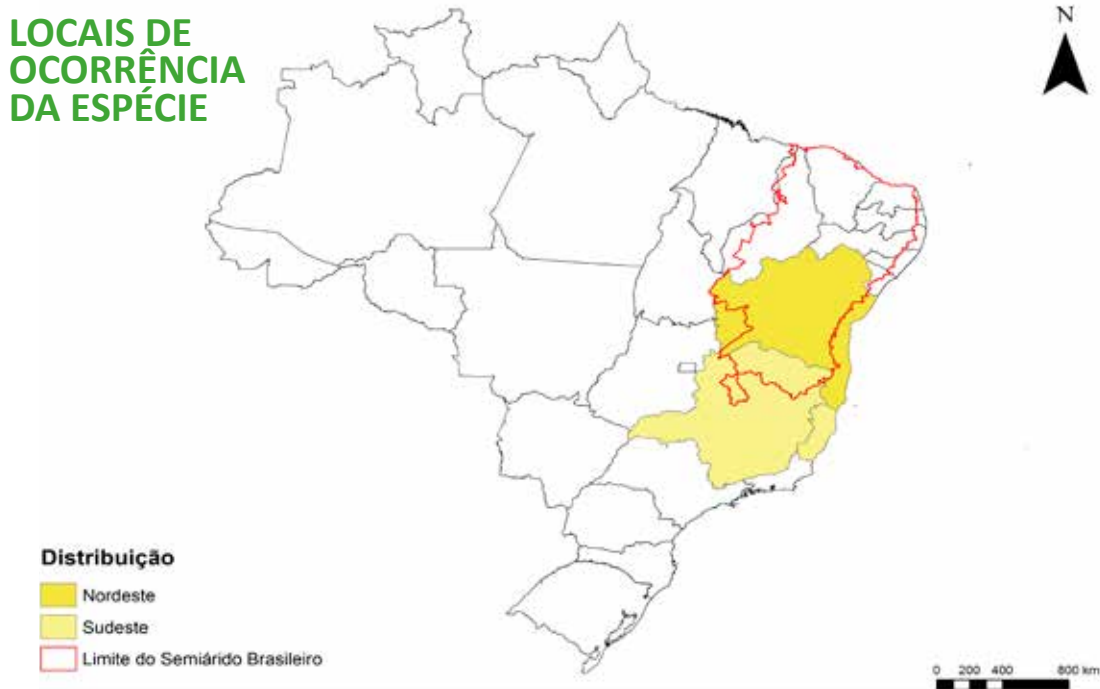
Arvoreta saxícola de até 7m de altura, ramos eretos, algumas vezes procumbentes, coloração verde acinzentada, com ápice glauco, aréolas revestidas por longos tricomas brancos ou acinzentados.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1965* – EAN.







Indivíduo jovem, visão lateral e superior em detalhe



#### 18.4. *Pilosocereus catingicola* (Gürke) Byles & G.D.Rowley subsp. *catingicola*

Árvore ou arbusto terrícola, tronco bem definido, ramos com 4 a 6 costelas, aréolas maduras revestidas por tricomas marrons, as jovens revestidas por tricomas brancos. Flores brancas com peças internas do perianto apresentando veias rosadas.

**Nome vulgar:** Facheiro, Mandacaru-babão ou Mandacaru-de-facho.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

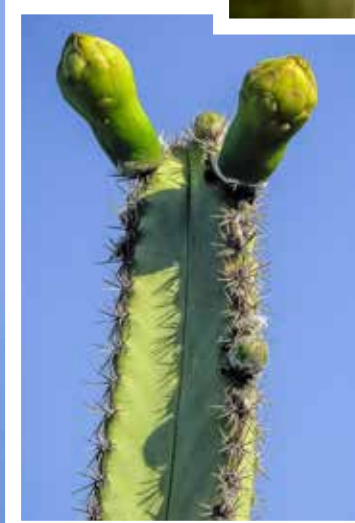
**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1760* – EAN.

160





**Indivíduo adulto, com aréolas e botões florais em destaque**

### 18.5. *Pilosocereus catingicola* (Gürke) Byles & G.D.Rowley subsp. *salvadorensis* (Werderm.) Zappi

Árvore ou arbusto terrícola, ramos partindo da base do caule, de 6 a 12 costelas, aréolas arredondadas, marrom avermelhadas a cinza, revestidas por tricomas quando jovens. Flores brancas na parte interna.

**Nome vulgar:** Facheiro ou Facheiro-da-praia.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1616* – EAN.

162







**Indivíduo adulto com botão floral em detalhe**

## 18.6. *Pilosocereus chrysostele* (Vaupel) Byles & G.D.Rowley

Arbusto saxícola ou terrícola, podendo alcançar até 6m de altura, ramos verde-claros, plantas jovens com ramificações partindo da base do caule, depois acima do tronco, espinhos amarelados, porção fértil do caule com longas cerdas, flores hemiglobosas, verde acastanhadas ou rosas, frutos arroxeados e polpa magenta.

**Nome vulgar:** Facheiro, Facheiro-de-serra, Rabo-de-raposa.

**Status de conservação:** Considerada quase ameaçada (NT) de extinção (IUCN, 2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1613* – EAN.







**Indivíduo adulto, com cefálios e frutos em destaque**



### 18.7. *Pilosocereus floccosus* Byles & G.D.Rowley subsp. *quadricostatus* (F.Ritter) Zappi

Arbusto ou arvoreta, terrícola ou saxícola, com tronco bem definido, 4 a 6 costelas, aréola com poucos espinhos curtos, de coloração negra, frutos comprimidos, densos na aréola, sementes negras com testa rugosa.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) quanto ao risco de extinção (PO 443/2014).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** E.M.Almeida 1971 – EAN.





**Indivíduo adulto, em detalhe porção apical e aréola**

## 18.8. *Pilosocereus glaucochrous* (Werderm.) Byles & G.D.Rowley

Arvoreta terrícola, raramente ramificada, ramos jovens recobertos por cera, conferindo uma coloração azulada a verde azulada, aréolas revestidas por longos tricomas brancos, flores rosas a laranja-avermelhadas, frutos verde-oliva a arroxeados, polpa púrpura.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN, 2018).

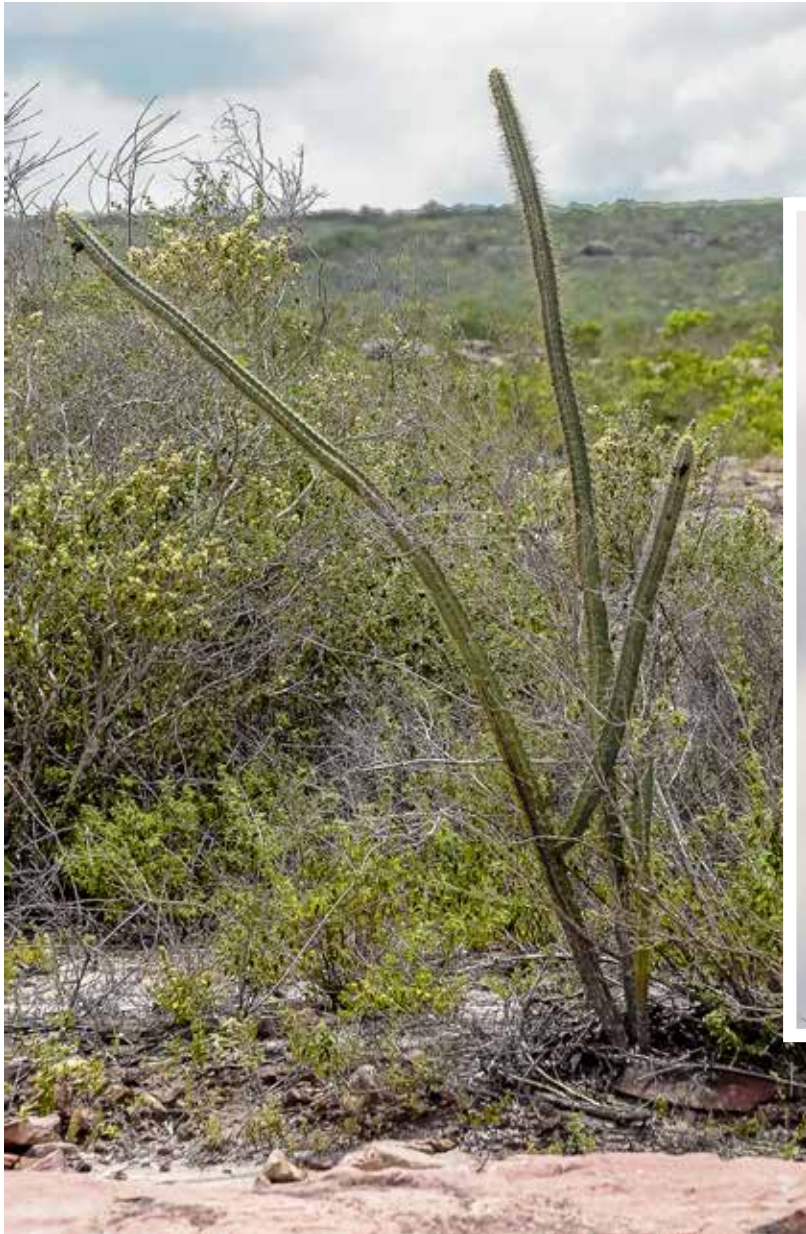
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1755* – EAN.







Indivíduo adulto, em detalhe ramo com fruto

### 18.9. *Pilosocereus gounellei* (F.A.C.Weber) Byles & Rowley subsp. *gounellei*

Arbusto terrícola ou saxícola, com espinhos resistentes, marrons a acinzentados, medindo até 15cm, flores partindo da região subapical dos ramos, com tricomas longos e sedosos, cobrindo apenas os botões florais. Frutos globosos com polpa magenta.

**Nome vulgar:** Xique-xique, Alastrado ou Cheque-cheque.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1720* – EAN.

170

LOCAIS DE  
OCORRÊNCIA  
DA ESPÉCIE







**Indivíduo adulto, ramos e flor em destaque**



**18.10. *Pilosocereus gounellei* (F.A.C.Weber) Byles & G.D.Rowley subsp. *zehntneri* (Britton & Rose) Zappi**

Arbusto ou arvoreta, terrícola ou saxícola, com espinhos frágeis, esbranquiçados, dourados a avermelhados, com até 2cm de comprimento, região fértil com aréolas modificadas, formando um cefálio lateral, tricomas longos, branco-acinzentados. Frutos globosos com polpa branca ou magenta.

**Nome vulgar:** Xique-xique-das-pedras, Chique-chique ou Cheque-cheque.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

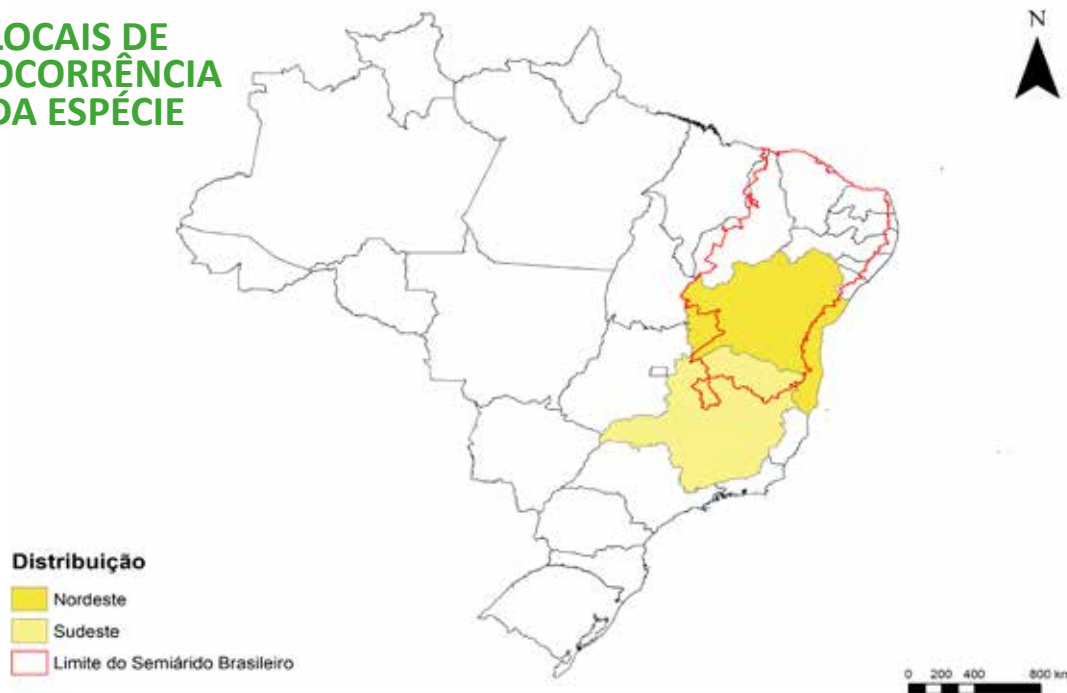
**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Ocorre apenas na Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1780* – EAN.

172

**LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE**





Ramos de um indivíduo adulto com flor e fruto em detalhe

### 18.11. *Pilosocereus magnificus* (Buining & Brederoo) F.Ritter

Arvoreta ou arbusto, saxícola, com até 5m de altura, ramos azuis claros, espinhos amarelos dourados a amarronzados, porção fértil do ramo ligeiramente diferenciada por longos tricomas brancos.

**Nome vulgar:** Facheiro.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) quanto ao risco de extinção (IUCN, 2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas em Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2011* – EAN.

174







Indivíduo adulto, em detalhe ramo com fruto

## 18.12. *Pilosocereus multicostatus* F.Ritter

Arbusto saxícola atingindo até 5m de altura, ramificações partindo da base do caule, em plantas jovens, ramos verde-escuros com aréolas adornadas por tricomas acinzentados, espinhos translúcidos, dourados ou amarronzados, porção fértil do caule ligeiramente perceptível.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) de extinção (IUCN, 2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas em Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1976* – EAN.

176







Indivíduo adulto, em detalhe ramo com botão floral



### 18.13. *Pilosocereus pachycladus* F.Ritter subsp. *pachycladus*

Arvoreta ou arbusto, terrícola ou saxícola, colunar, atingindo até 8m de altura, ramos azul-claros, espinhos amarelo-dourados a amarronzados ou acinzentados, porção fértil do ramo diferenciada por longos tricomas brancos.

**Nome vulgar:** Facheiro, Facheiro-azul ou Mandacaru-de-facho.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Ocorre apenas na Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1754* – EAN.

178





**Indivíduo adulto, em detalhe a porção apical e aréola**

### 18.14. *Pilosocereus pachycladus* F.Ritter subsp. *pernambucoensis* (F.Ritter) Zappi

Árvore ou arbusto, terrícola ou saxícola, colunar, até 6m de altura, ramos verde-acinzentados ou glaucos, espinhos amarelados, porção fértil do ramo ligeiramente diferenciada por poucos longos tricomas brancos, flores róseas ou brancas.

**Nome vulgar:** Facheiro ou Calumbí.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1593* – EAN.

180







**Indivíduo adulto, em detalhe ramos com botões florais e frutos**

### 18.15. *Pilosocereus pentaedrophorus* (Labour.) Byles & G.D.Rowley subsp. *pentaedrophorus*

Arvoreta, terrícola ou saxícola, ultrapassando os 6m de altura, pouco ramificada, ramos jovens recobertos por cera, conferindo uma coloração verde-azulada, botões florais variando entre verde, azul-avermelhado ou azul-arroxeadado, frutos verde-pálidos ou vináceos com polpa magenta ou púrpura.

**Nome vulgar:** Facheiro, Facheiro-fino, Mandacarú-de-veado.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (Taylor & Zappi, 2004).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia, Pernambuco e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1654* – EAN.

182





Ramos de indivíduos jovens, em detalhe ramos com frutos e flores



### 18.16 *Pilosocereus pentaedrophorus* (Labour.) Byles & G.D.Rowley subsp. *robustus* Zappi

Arvoreta, terrícola ou saxícola, raramente ultrapassando 4m de altura, extremamente ramificada, ramos jovens recobertos por cera, conferindo uma coloração verde-azulada, flores esverdeadas a arroxeadas.

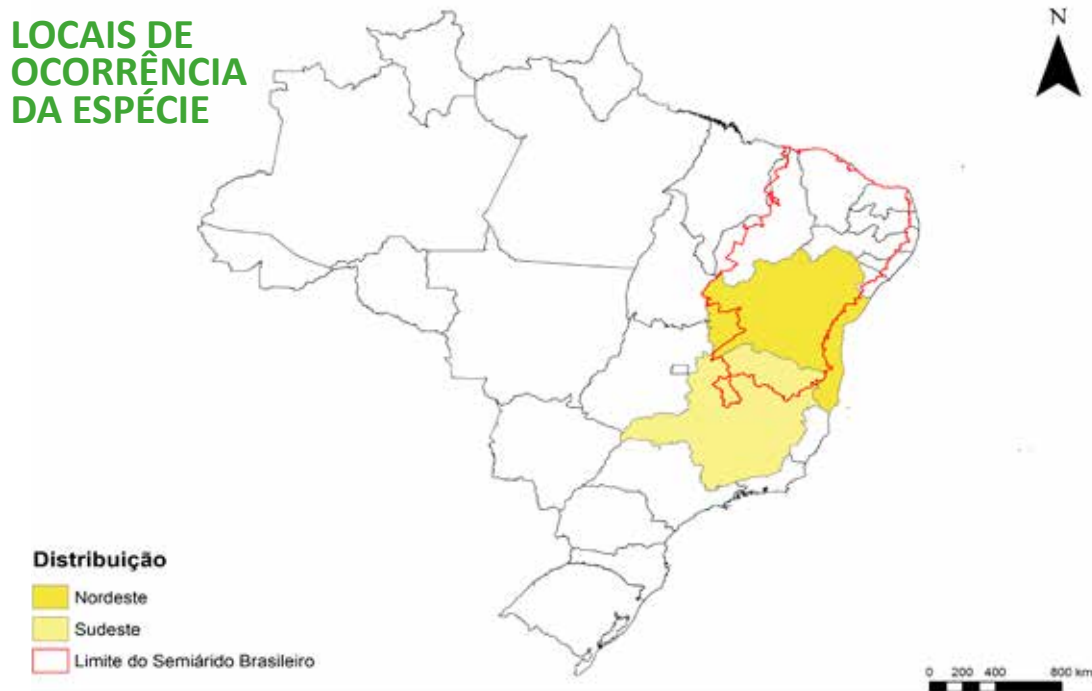
**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN, 2018).

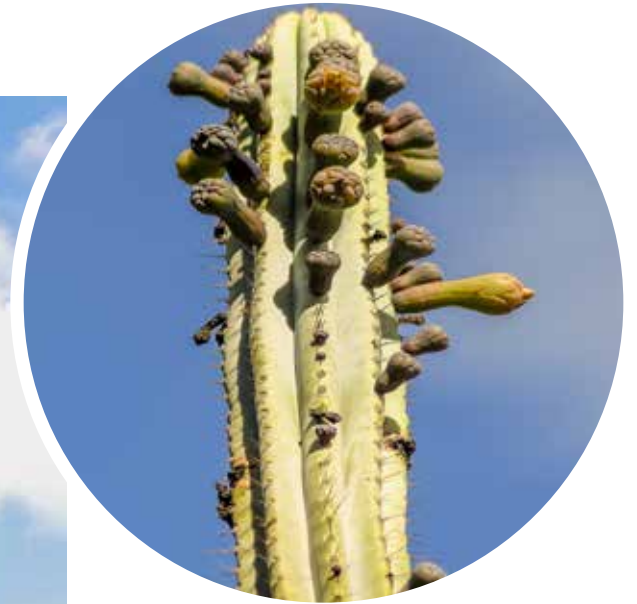
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Ocorre apenas na Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2031* – EAN.

184





**Indivíduo adulto, indivíduos jovens e ramo com botões florais em detalhe**

### 18.17. *Pilosocereus tuberculatus* (Werderm.) Byles & G.D.Rowley

Arbusto terrícola, de solos arenosos ou saxícola, extremamente ramificado, epiderme verde oliva, espinhos marrom-claros, porção fértil não diferenciada, flores verde oliva e frutos esverdeados a arroxeados com polpa magenta.

**Nome vulgar:** Caxacubri, Caxarecubri ou Mandacaru-de-laço.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN, 2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia, Pernambuco e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1681* – EAN.

186







**Indivíduo adulto e detalhe dos ramos**



*Pseudoacanthocereus*

*Pseudoacanthocereus brasiliensis*

## 19. *Pseudoacanthocereus* F.Ritter

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, compreende apenas duas espécies, sendo uma endêmica do Brasil (*Pseudoacanthocereus brasiliensis*) e a outra da Venezuela (*P. sicariguensis*). Suas espécies são arbustivas, terrícolas, com raízes tuberosas e bastante ramificadas, ramos eretos ou decumbentes, formando grandes touceiras, possuem brotos distintamente nervados ou alados, com pequenos segmentos e aréolas geralmente espinescentes, capazes de se alongar tornando-se mais cilíndricas com a maturidade. Suas flores apresentam perianto verde-rosado e frutos globosos, amarelados quando maduros, exalando cheiro de abacaxi (Taylor & Zappi, 2004).



### 19.1. *Pseudoacanthocereus brasiliensis* (Britton & Rose) F.Ritter

Espécie arbustiva, terrícola ou saxícola, formando grandes touceiras à sombra de árvores. Possui ramos escandentes ou decumbentes, hastes jovens com 3-7 costelas agudas, um pouco onduladas, com aréolas espinescentes. Flores noturnas em forma de longos funis, externamente verde-avermelhadas ou róseas e internamente brancas, tubo com aréolas dispersas e pequenos espinhos.

**Nome vulgar:** Catana-de-jacaré.

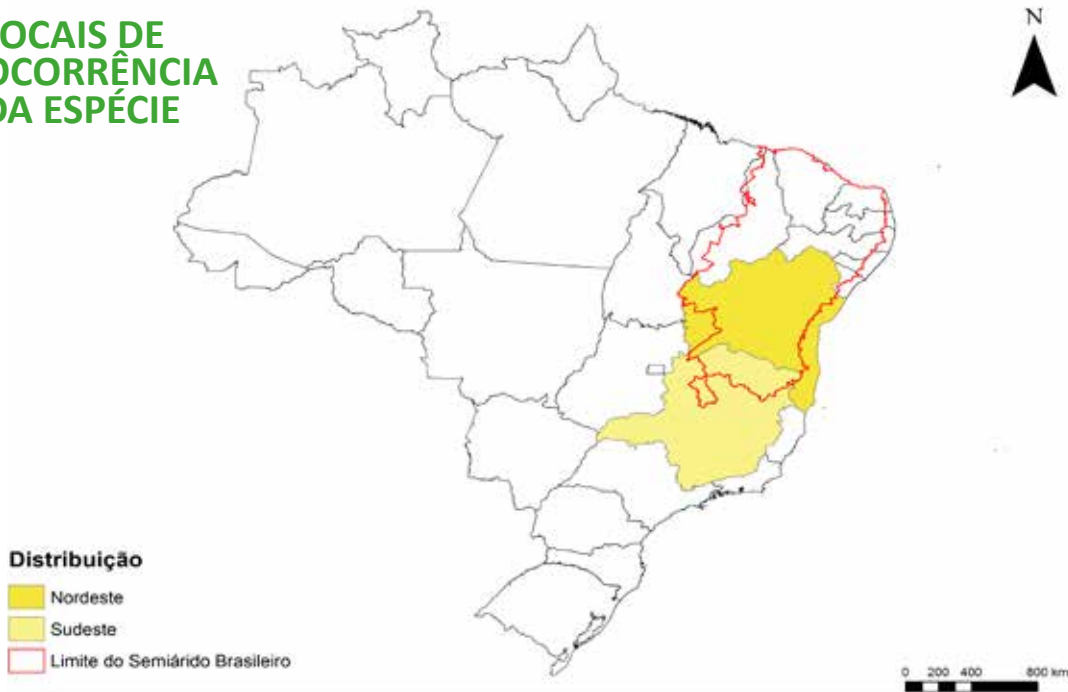
**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil)

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Distribuição:** Ocorre apenas na Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M. Almeida 2003 – EAN.*

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





**Indivíduo adulto e ramo mostrando a disposição das aréolas e espinhos**





## ***Rhipsalis***

*Rhipsalis hileiabaiana*



## 20. *Rhipsalis* Gaertn.

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, amplamente distribuído na América Tropical, com uma única espécie (*R. baccifera*) ocorrendo na África, Madagascar e Sri Lanka (Korotkova et al., 2011). É o único gênero da família Cactaceae com representantes ocorrendo naturalmente no velho mundo. A maioria das espécies é de ocorrência rara, frequentemente endêmica ou com distribuição restrita. Compreende cerca de 40 espécies, das quais 36 ocorrem no Brasil, e destas, 32 são endêmicas, sendo a grande maioria associada e/ou restrita ao domínio da Mata Atlântica (ver Calvente et al., 2011).

As espécies de *Rhipsalis* são epífitas, raramente terrícolas ou saxícolas, ramos eretos ou pendentes, cilíndricos, trígonos, pentágonos ou aplanados, com ausência de espinhos, flores laterais ou distais diminutas, geralmente brancas ou creme-amareladas, raramente rosas ou magentas. Frutos globosos ou turbinados, lisos, esverdeados, amarelados, vermelhos, magenta ou arroxeados e foscos (Taylor & Zappi, 2004). Em virtude do verde exuberante de suas longas hastes (cladódios), está entre os gêneros epifíticos de cactos mais usados como planta ornamental para decoração de interiores, jardinagem, paisagismo e espaço externo.

## 20.1. *Rhipsalis baccifera* (J.M.Muell.) Stearn

Subarbusto epifítico, ocasionalmente saxícola, ramos cilíndricos, verde-claros, pêndulos, ramificados principalmente no ápice, flores diminutas com tubo floral verde e peças internas do perianto brancas, frutos globosos, brancos, às vezes com ápice rosado.

**Nome vulgar:** Aveloz.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Não endêmica).

**Distribuição:** Acre, Amapá, Amazonas, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rondônia e Roraima (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1638* – EAN.

194





Ramos com frutos maduros, imaturos e flores



## 20.2. *Rhipsalis cereuscula* Haw.

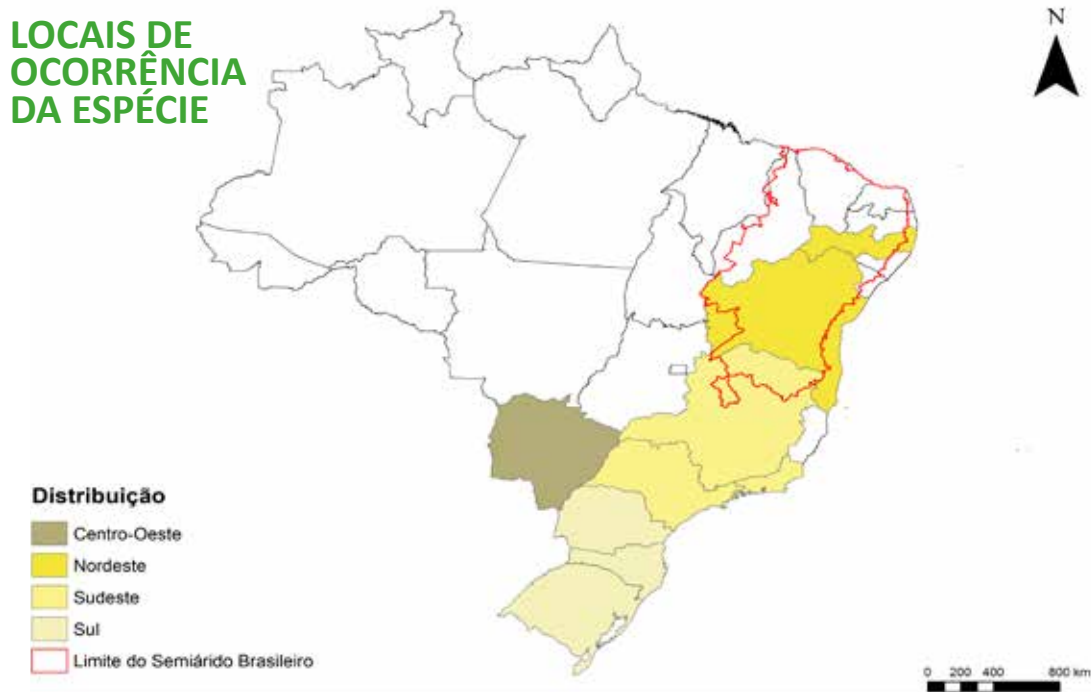
Subarbusto epífito, ramos cilíndricos, segmentados, com base longa e pouco ramificada, enquanto os ápices são extremamente ramificados. Flores diminutas, aglomeradas, creme-amareladas e frutos esverdeados.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Não endêmica).

**Distribuição:** Bahia, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1631* – EAN.





Indivíduo jovem e detalhe dos ramos

### 20.3. *Rhipsalis crispata* (Haw.) Pfeiff.

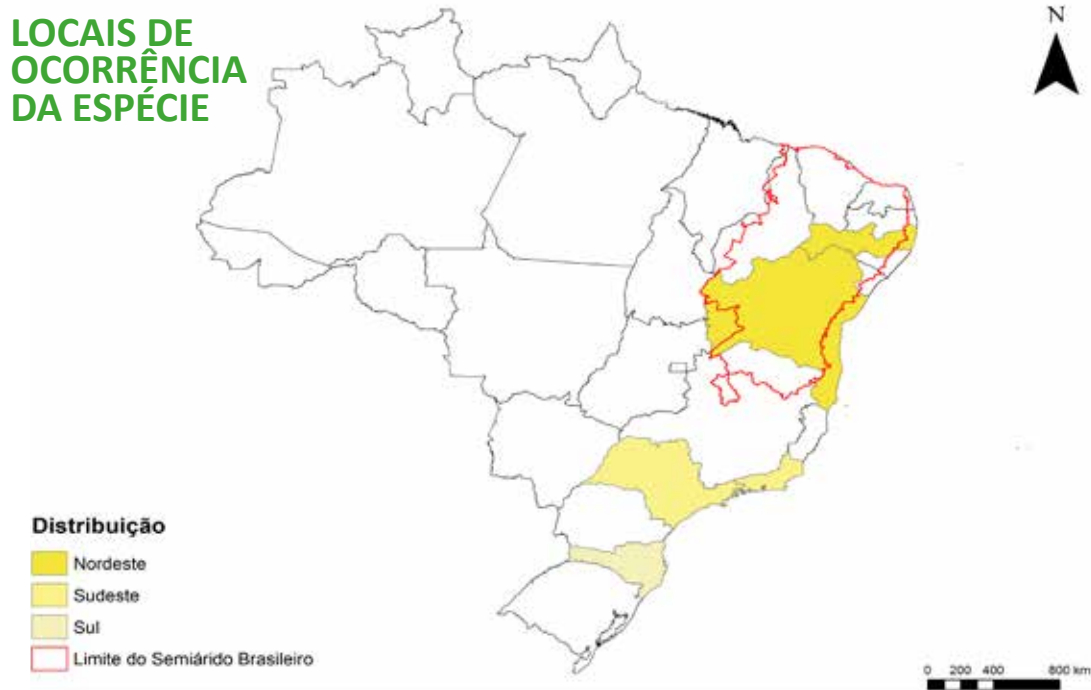
Subarbusto epifítico, ramos aplanados, arroxeados quando jovens, ramos da base com formato alongado e os terminais arredondados com aréolas inermes, flores de cor branca e frutos globosos brancos.

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Status de conservação:** Considerada em perigo de extinção (EN) (IUCN-2018).

**Distribuição:** Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1693* – EAN.







**Indivíduo adulto, em detalhe a ramificação e forma do cladódio**

## 20.4. *Rhipsalis floccosa* Salm-Dyck ex Pfeiff.

Subarbusto epífítico, ocasionalmente saxícola, pouco ramificado, ramos pêndulos, cilíndricos e crespos, verde-escuros, flores creme-amareladas com coroa de tricomas na base, frutos verdes quando jovens, com coroa de tricomas esbranquiçados na base, frutos maduros esbranquiçados com ápice rosado.

**Nome vulgar:** Aveloz.

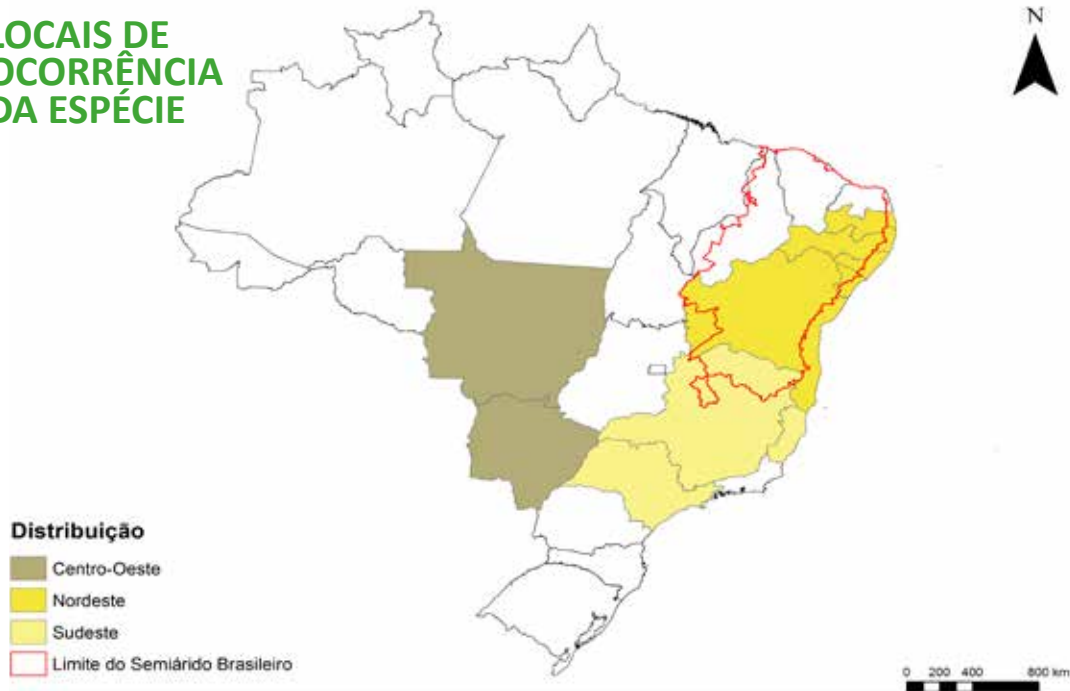
**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

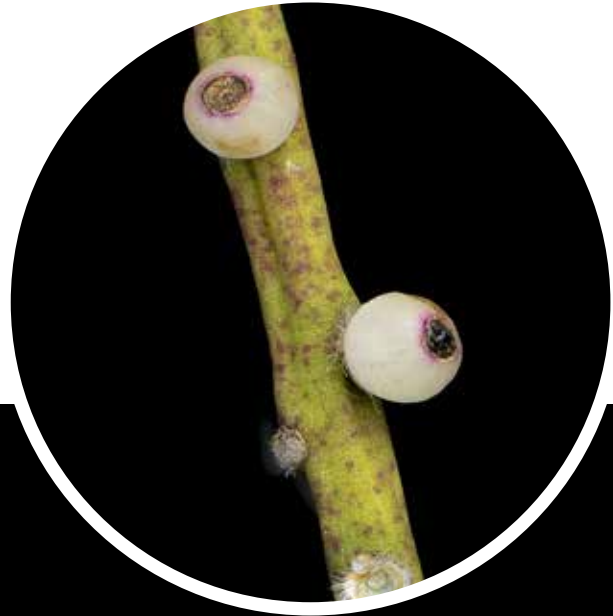
**Origem:** Nativa (Não endêmica).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, São Paulo e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1587* – EAN.

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Indivíduo jovem, flores e frutos em destaque



## 20.5. *Rhipsalis russellii* Britton & Rose

Subarbusto epifítico ou saxícola, com ramos aplanados nas epífitas ou ramos com até cinco ângulos nas saxícolas, aréolas inermes e glabras, flores com perianto branco, frutos globosos de cor magenta.

**Nome vulgar:** Mandacaru-da-serra.

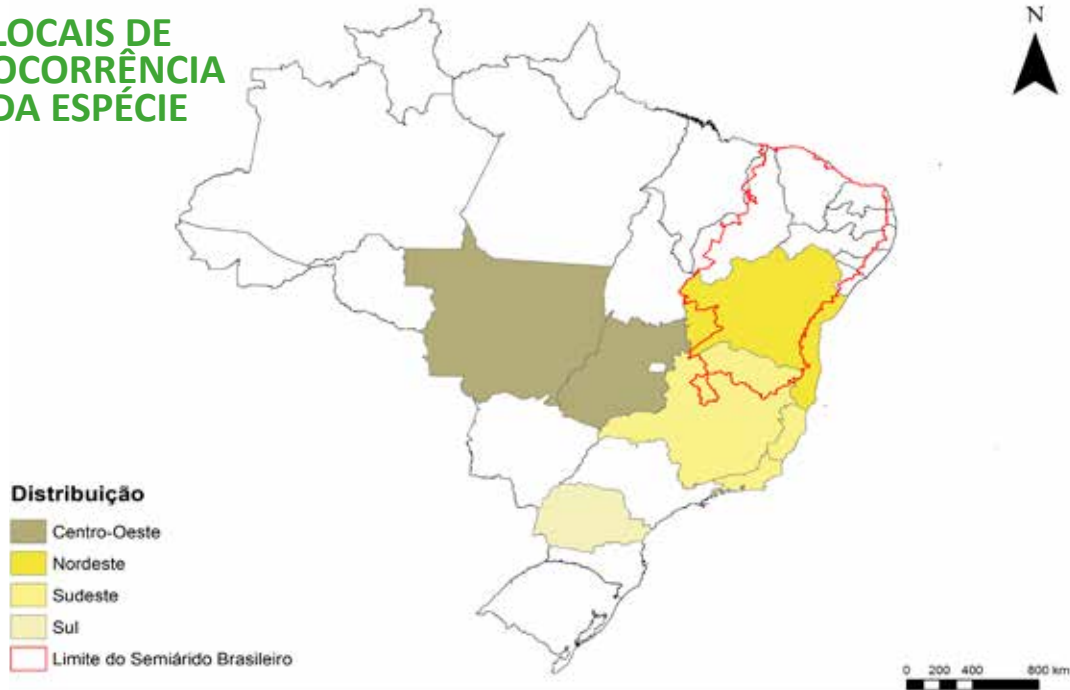
**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do Brasil).

**Distribuição:** Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1964* – EAN.

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





**Indivíduo adulto, cladódio com frutos maduros em detalhe**





## ***Stephanocereus***

*Stephanocereus leucostele*



## 21. *Stephanocereus* A. Berger

Gênero pertencente à subfamília Cactoideae, endêmico do Brasil, especificamente da Bahia, com apenas duas espécies (*S. luetzelburgii* e *S. leucostele*). Espécies arbustivas, saxícolas ou terrícolas, colunares, ramos fortemente lignificados e cilíndricos (12-20 costelas). Aréolas com espinhos castanho-dourados ou quase alvos. Flores tubulares brancas. Frutos azuis, subglobosos a ovoides, carnudos, abrindo-se através de um poro basal após se destacarem da planta. As sementes são abundantes, de coloração castanho-escura a negra (ver Taylor & Zappi, 2004).

Destaca-se pelo dimorfismo caulinar entre as espécies, como em *S. luetzelburgii*, popularmente conhecido como “cacto-garrafa” nas áreas de campos rupestres, enquanto *S. leucostele*, encontrado em áreas de caatinga são mais cilíndricos, com até 6m de altura. A espinhação claro-dourada, as flores e frutos são suficientemente semelhantes para justificar sua inclusão no mesmo gênero (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

## 21.1. *Stephanocereus leucostele* (Gürke) A.Berger

Arbusto colunar, terrícola, algumas vezes ramificado, aréolas recobertas por tricomas brancos, cefálio inicialmente terminal, envolvido por tricomas alvos, seguidos por novos ramos vegetativos e novos cefálios, formando assim um aglomerado de cefálios anelados em um mesmo ramo.

**Nome vulgar:** Facheiro-de-pincel.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Espécie ocorre apenas na Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1782* – EAN.

206





Indivíduo jovem, em detalhe indivíduo com botão floral



## 21.2. *Stephanocereus luetzelburgii* (Vaupel) N.P.Taylor & Egli

Subarbusto colunar, solitário, saxícola ou terrícola, com base alargada, seguida por cefálio estreito e clorofilado, apontando para o oeste, conferindo assim, sua forma de garrafa.

**Nome vulgar:** Cacto-garrafa

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1756* – EAN.





Indivíduos adultos, cefálio e botões florais em destaque





# ***Tacinga***

*Tacinga inamoena*



## 22. *Tacinga* Britton & Rose

O gênero pertencente a subfamília Opuntioideae compreende oito espécies, das quais sete são endêmicas do leste do Brasil, e uma endêmica do nordeste da Venezuela (Majure & Puente, 2014). Suas espécies possuem hábito arbustivo, subarbustivo ou lianescente, com cladódios complanados ou cilíndricos, geralmente segmentados e com abundantes gloquídeos em suas aréolas. Frutos globosos ou alongados e coloridos, com cicatriz funicular profunda e estreita, além de poucas sementes com envelope funicular, embrião em forma de gancho e perisperma reduzido (Taylor & Zappi, 2004; Hernández-Hernández et al., 2011).

Devido à suculência dos cladódios, coloração e sabor dos frutos, algumas espécies têm sido introduzidas na dieta humana. No Semiárido brasileiro, é comum o consumo dos cladódios na busca por fontes alternativa de fibras, minerais e vitaminas. Do mesmo modo, os frutos são usados para fabricação de geleias e sucos (*T. inamoena*), além de serem ricas fontes nutricionais na alimentação animal (Souza et al., 2007).

## 22.1. *Tacinga braunii* Esteves

Plantas arbustivas eretas a semi-escandentes, saxícola ou terrícola, cladódios alongados, cilíndricos a levemente achatados com ausência de espinhos, porém com presença de gloquídios. Apresentam flores verdes a arroxeadas, partindo dos cladódios apicais.

**Nome vulgar:** Rabo-de-rato, Cipó-de-espinhos ou Rabo-de-espinhos.

**Status de conservação:** Considerada vulnerável (VU) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Ocorre apenas em Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2002* – EAN.

212

**LOCAIS DE  
OCORRÊNCIA  
DA ESPÉCIE**





**Indivíduo no habitat natural, em detalhe a flor**



## 22.2. *Tacinga funalis* Britton & Rose

Planta de hábito arbustivo, decumbente ou escandente, terrícola ou saxícola, cladódios cilíndricos e alongados com ausência de espinhos, porém com gloquídeos. Flores esverdeadas ou menos frequentemente arroxeadas, dispostas próximas ao ápice dos cladódios.

**Nome vulgar:** Rabo-de-rato, Quipá-voador ou Trança-perna.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

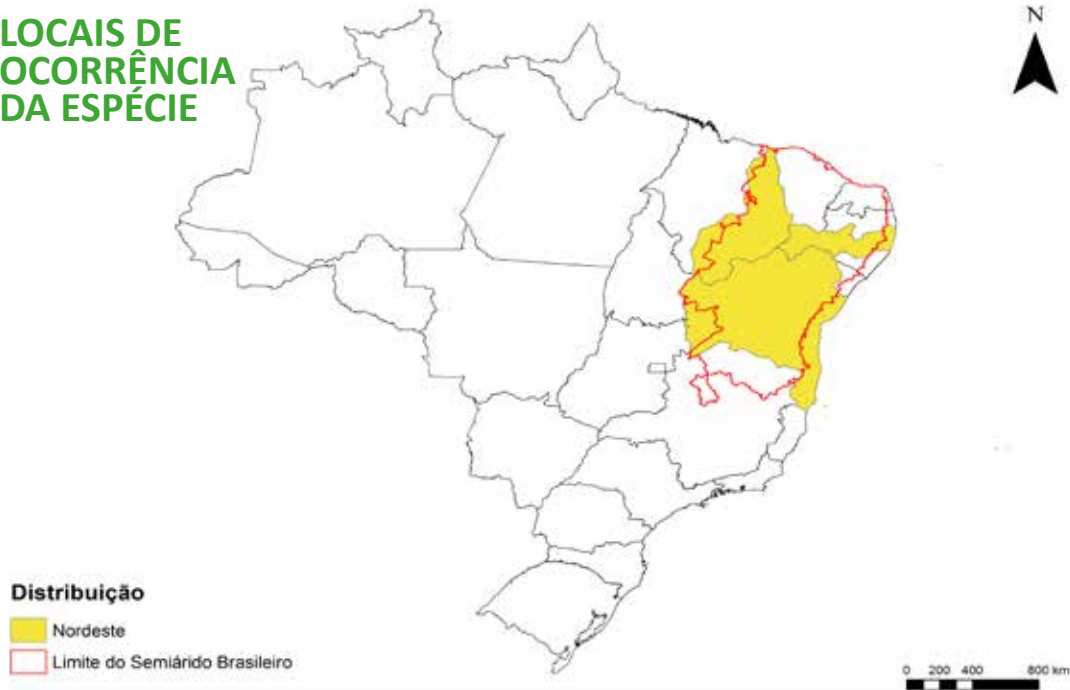
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia, Pernambuco e Piauí (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1764* – EAN.

214

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Ramo com detalhe da disposição de aréolas e botões florais

### 22.3. *Tacinga inamoena* (K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy

Plantas subarborescentes, eretas ou prostradas, terrícolas ou saxícolas, cladódios aplanados com aréolas inermes, porém com presença de gloquídeos, flores vermelho-laranja partindo do ápice dos cladódios, frutos globosos com polpa esverdeada.

**Nome vulgar:** Palmatória e Gogóia.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

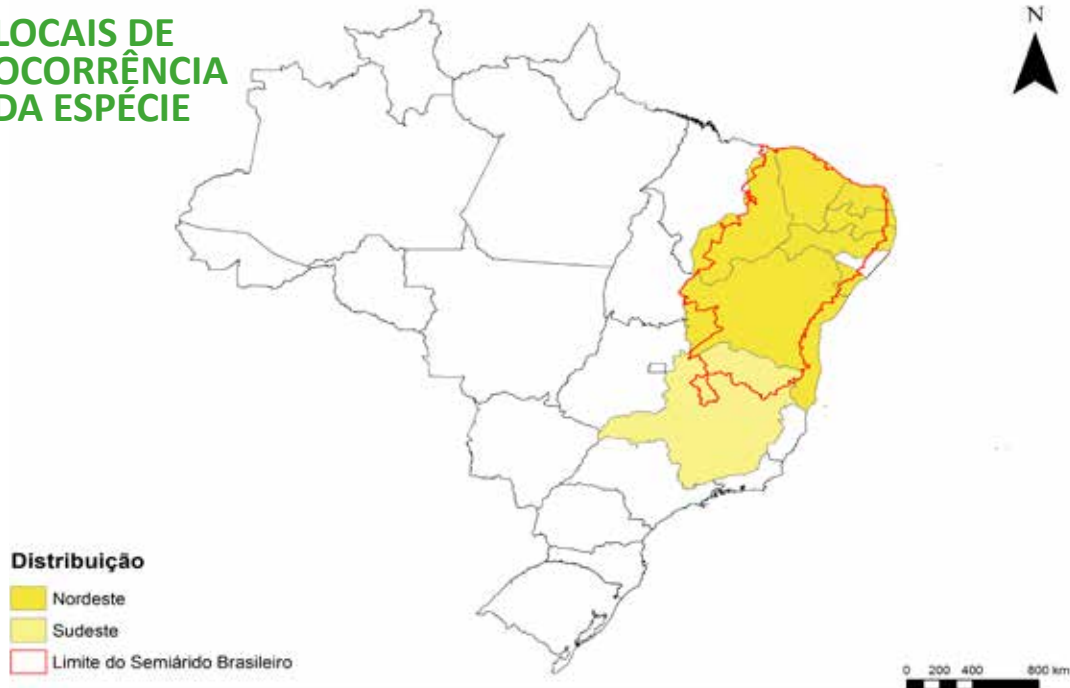
**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1645* – EAN.

216

#### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE







Indivíduos adultos no habitat natural, em detalhe flor e ramo com frutos

## 22.4. *Tacinga palmadora* (Britton & Rose) N.P.Taylor & Stuppy

Plantas de hábito arbustivo, ereto, atingido até 2m de altura, terrícola ou saxícola, cladódios aplanados com aréolas espinescentes e espinhos amarelados, flores vermelhas partindo da lateral e do ápice dos cladódios e frutos com polpa esverdeada.

**Nome vulgar:** Palmatória, Palmatória-de-espinho e Rabo-de-onça.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1779* – EAN.

218







Indivíduos adultos, em detalhe ramos jovens e flores



## 22.5. *Tacinga subcylindrica* M.C.Machado & N.P.Taylor

Subarbusto saxícola ou terrícola, com ramos cilíndricos, eretos, tornando-se decumbentes com o desenvolvimento da ramificação. Ausência de espinhos e presença de gloquídeos, flores laranja-avermelhadas apicais, frutos globosos, alaranjados quando maduros com polpa esbranquiçada.

**Nome vulgar:** Gogóia.

**Status de conservação:** Considerada em perigo (EN) de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2504* – EAN.

220





**Indivíduo adulto, flor em detalhe**

## 22.6. *Tacinga weneri* (Eggl) N.P.Taylor & Stuppy

Plantas subarbusivas, terrícolas, saxícolas ou margeando os afloramentos rochosos, ramos eretos, cladódios aplanados com aréolas espinescentes e espinhos acinzentados, flores apicais avermelhadas ou alaranjadas e frutos com polpa magenta.

**Status de conservação:** Considerada pouco preocupante (LC) quanto ao risco de extinção (IUCN-2018).

**Origem:** Nativa (Endêmica do SAB).

**Distribuição:** Bahia e Minas Gerais (Taylor & Zappi, 2004; Zappi et al., 2018), com novo registro de ocorrência para a Paraíba (\*).

**Voucher:** *E.M.Almeida 2509* – EAN.

222







Indivíduo jovem, em detalhe o fruto

## 22.7. *Tacinga* × *quipa* (F.A.C.Weber) N.P.Taylor & Stuppy

Planta subarbustiva, terrícola, ramos jovens eretos, tornando-se decumbentes com o desenvolvimento dos cladódios, aréola com espinhos curvos acinzentados e gloquídeos, flores apicais avermelhadas e frutos globosos com polpa esverdeada. Essa espécie corresponde a um híbrido natural entre *T. palmadora* e *T. inamoena*, ocorrendo esporadicamente de forma simpátrica com as espécies parentais.

**Nome vulgar:** Quipá.

**Status de conservação:** Espécie não avaliada.

**Distribuição:** Alagoas, Bahia e Pernambuco (Taylor & Zappi, 2004), com novo registro de ocorrência para a Paraíba (\*).

**Voucher:** *E.M.Almeida 1614* – EAN.

224

### LOCAIS DE OCORRÊNCIA DA ESPÉCIE





Indivíduo jovem, em detalhe flor e fruto



## 23. REFERÊNCIAS

Almeida, M.E.F. & Corrêa, A.D. 2012. Utilização de cactáceas do gênero *Pereskia* na alimentação humana em um município de Minas Gerais. *Ciência Rural* 42: 4.

Anderson, E.F., 2001. The cactus family. Timber Press, Porland. 776p.

Andersson, H.C., Hallström, H. & Kihlman, B.A. 2005. Intake of caffeine and other methylxanthines during pregnancy and risk for adverse effects in pregnant women and their fetuses. *Nordic Council of Ministers*, Copenhagen. 350p.

Arakaki M., Christin, P.A., Nyffeler, R, Lendel, A., Eggli, U., Ogburn, R.M., Spriggs, E., Moore, M.J. & Edwards, E.J. 2011. "Contemporaneous and recent radiations of the world's major succulent plant lineage" *PNAS* 1-6.

Cavalcante, A.M.B; Gomes, V.G.N.; Vasconcelos, G.C.L.; Marcos Vinicius Meiado, M. V. 2017. *Ex Situ* Conservation of Cactaceae in the Brazilian Semi-arid: Cactarium Guimarães Duque. *Cactus and Succulent Journal* 89:24-27.

226

Calvente, A.; Zappi, D.C., Forest, F. & Lohmann, L.G. 2011. Molecular phylogeny of tribe *Rhipsalideae* (Cactaceae) and taxonomic implications for *Schlumbergera* and *Hatiora*. 2011. *Molecular Phylogenetics and Evolution* 58: 456-468.

Edwards, E.J., R. Nyffeler, & M.J. Donoghue. 2005. Basal cactus phylogeny: Implications of *Pereskia* (Cactaceae) paraphyly for the transition to the cactus life form. *American Journal of Botany* 92: 1177-1188.

Franck, A.R. 2016. Monograph of *Harrisia* (Cactaceae). *Phytoneuron* 85: 1-159.

Giulietti, A.M., Conceição, A. & Queiroz, L.P. 2006. Riqueza de espécies e Caracterização das Fanerógamas do Semi-árido Brasileiro. Recife, *Associação Plantas do Nordeste, Ministério da Ciência e Tecnologia*.

Hernández-Hernández, Hernández, H.M., De-Nova J.A., Puente, R., Eguiarte, L.E. & Magallón, S. 2011. Phylogenetic relationships and evolution of growth form in Cactaceae (Caryophyllales, Eudicotyledoneae). *American Journal of Botany* 98(1): 44-61.

Hughes, F.M., Figueira, J.E.C., Jacobi, C.M. & Borba, E.L. 2018. Demographic processes and anthropogenic threats of lithophytic cacti in eastern Brazil. *Brazilian Journal of Botany* 1-10.

Hunt, D., Taylor, N., Charles, G., 2006. The New Cactus Lexicon. DH books, Milborne Port, UK.

IUCN Red List of Threatened Species. Version 2017-3. <[www.iucnredlist.org](http://www.iucnredlist.org)>. Downloaded on 17 September 2018.

Korotkova, N., Borsch, T., Quandt, D., Taylor, N.P., Müller, K.F., & Barthlott, W. 2011. What does it take to resolve relationships and to identify species with molecular markers? An example from the epiphytic Rhipsalideae (Cactaceae). *American Journal of Botany* 98(9): 1549–1572.

Majure, L.C.; Puente, R. 2014. Phylogenetic relationships and morphological evolution in *Opuntia* s.str. and closely related members of tribe Opuntieae, *Succulent Plant Research* , 8: 9-30.

Martínez, A.F., Manzanero, G.I., Golubov, M.J., Montaña, C. & Mandujano, C.M. 2010. Demography of an endangered endemic rupicolous cactus. *Plants Ecology* 210:53-66.

Mauseth, J.D. & Landrum, J.V. 1997. Relictual vegetative anatomical characters in Cactaceae: the genus *Pereskia*. *Journal of Plant Research* 110: 55-64.

MMA- Ministério do meio ambiente. Portaria 443/2014. Lista Nacional Oficial da flora ameaçada de extinção. <http://ckan.jbrj.gov.br/dataset/23f2e24c-5676-4acd-83f0-03621cba4364/resource/53e32c38-9d0e-486c-8b4e-666ddb30429/download/esp>

Ostolaza, C. 2014. Todos los cactus del Perú. Lima. Perú. 538 Pp.

Souza, M. A.C., Gamarra-Rojas, G., Andrade, S.A.C. & Guerra, N.B. 2007. Características físicas, químicas e organolépticas de quipá (*Tacinga inamoena*, Cactaceae). *Revista Brasileira de Fruticultura jaboticabal - SP*, 29: (2) 292-295.

Taylor, N.P. 1991. The genus *Melocactus* (Cactaceae) in Central and South America. *Bradeleya* 9: 1-80.

Taylor, N.P. & Zappi, D. 2004. Cacti of Eastern Brazil. Royal Botanic Gardens, Kew.

Zappi, D., Taylor, N.P., Santos, M.R. & Larocca, J. 2018. Cactaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB1750>>.







MINISTÉRIO DA  
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES



Av. Francisco Lopes de Almeida, S/N - Serrotão  
CEP: 58429-970 Caixa Postal 10067 - Campina Grande (PB)  
[www.insa.gov.br](http://www.insa.gov.br)

 [insa@insa.gov.br](mailto:insa@insa.gov.br)  83 3315.6400  [insamctic](https://twitter.com/insamctic)  [insamcti](https://facebook.com/insamcti)  [insamctic\\_](https://instagram.com/insamctic_)